

"A FIGURA DO NEGRO EM BLUMENAU NASCE, CRESCE E SE DESENVOLVE COMO A REPRESENTAÇÃO DO 'FORA DE LUGAR', DO FORASTEIRO, NA MELHOR INTERPRETAÇÃO DA DIÁSPORA PROPOSTA POR HALL."

**SANDRO GALARÇA - PROFESSOR DO DEPTO DE COMUNICAÇÃO DA FURB**  
**A DIÁSPORA NA PELE**  
**PÁGINAS 6 E 7**

RODRIGO ALVES/DIVULGAÇÃO

"NAS ASSEMBLEIAS DO SINDICATO, HAVIA O ENVOLVIMENTO E COMPROMETIMENTO DE TODOS OS SERVIDORES[...]. ISSO, INFELIZMENTE, NÃO SE VÊ NOS DIAS ATUAIS, O QUE TALVEZ SE JUSTIFIQUE PELO IMENSO CRESCIMENTO QUE A FURB TEVE."

**RITA DE CÁSSIA REBELO- SERVIDORA DA FURB POR 32 ANOS, PRESTES A SE APOSENTAR DOS 17 ANOS AOS 50**  
**PÁGINAS 8, 9, 10**

"A SITUAÇÃO EXIGE, PORTANTO, UM ACOMPANHAMENTO CONTÁBIL, FINANCEIRO E ORÇAMENTÁRIO, DETALHADO E CONSTANTE [...]AFINAL, SE MANTIVER A ATUAL TENDÊNCIA, O ISSBLU VAI QUEBRAR!"

**MARCOS ANTÔNIO MATTEDI- PROFESSOR DO PPGDR/FURB E COLUNISTA DO EXPRESSÃO LADO B**  
**PÁGINA 16**



## PALCO ABERTO PARA O 30º FITUB

PÁGINA 5

# O TRABALHADOR PRECISA RESISTIR NA RUA

O momento é de resistência por parte do trabalhador. Não tem alternativa: vamos para rua mostrar unidade de luta e força contra o desmonte nas conquistas da classe trabalhadora ou vamos assistir ao retrocesso praticado por uma política conservadora que beneficia os grandes investidores nacionais e internacionais, sobretudo, o capital estrangeiro.

Mas por que a população se mostrou reciosa nesta última greve geral do dia 30 de junho, principalmente em Blumenau? Primeiro porque parte dos trabalhadores blumenauenses têm outra lógica quanto às manifestações na rua, ou seja, depende das questões ideológicas entre direita/esquerda ou liberalismo/socialismo, enfim, posicionamentos com cores partidárias. Só que o atual momento empurra para divisão capital e classe trabalhadora.

E a lógica é simples. Alguém vai perder nesta reforma e pelo andar da carruagem, e em nome do mercado e da estabilização econômica, o trabalhador já está em desvantagem ao ser tratado como massa homogênea. Não há distinção geográfica entre o campo e a zona urbana, o pequeno agricultor e o operário das fábricas, os servidores públicos e os privados, por exemplo. Os privilégios de algumas categorias,

como no judiciário ou nas forças armadas recebem outro tratamento nestas propostas reformistas.

As malfadadas reformas, tanto trabalhista como previdenciária, só serão barradas com as manifestações populares, por isso que trabalhadores, de um modo geral, precisam protestar nas ruas. Não está mais em jogo apenas as ideologias partidárias. Estão em discussão os direitos conquistados ao longo de décadas a custas de lutas. Precisamos entender, também, que este modelo capitalista neoliberal está provocando uma grave crise ci-

vilizatória e abrindo caminho para as forças conservadoras, reacionárias, fascistas, racistas e misóginas ocuparem espaços de decisões.

Estas forças golpistas se instalaram ilegitimamente no poder e vem desmantelando a cultura e toda política afirmativa de igualdade racial, de gênero, juventudes e LGBT. As reformas avançam sobre direitos sociais, trabalhistas e previdenciários que irão impactar especialmente nas mulheres trabalhadores e nos trabalhadores(as) negros(as). O momento é de tensão política e econômica, num contexto de polarização da disputa sobre os rumos para o desenvolvimento do país.

A crise na qual estamos mergulhados não se resume ao econômico e político. Ela é, sobremaneira, ética e moral, com personagens manobrando e determinando as regras do jogo na disputa de mais poder. Um bom exemplo é a proposta de negociação entre patrão e empregado. No imaginário de muitas pessoas significa que todos terão condições de sentar em uma mesa de negociação, individualmente, frente a frente com seu patrão. Isso só será possível nas micro e pequenas empresas. Há de se dizer que numa multinacional – e aí que está o pano de fundo destas questões trabalhistas – os acordos se desenham sob outro quadro. Por isso o modelo de terceirização proposto pelo Congresso Nacional que tem por trás uma mão grande, que não é dos pequenos e microempresários, e sim dos banqueiros, dos industriais e dos ruralistas da agroindústria etc.

As reformas trabalhistas e previdenciárias precisam ser feitas, não resta dúvida, mas não desta maneira, retrocedendo nas relações de trabalho. Ela precisa da participação dos trabalhadores e principalmente dos especialistas sobre estes assuntos. Quando boa parte da classe política conservadora toma decisões a toque-de-caixa e sem o apoio popular, significa que devemos ficar muito, mas muito, atentos e resistir. Não vamos esperar de braços cruzados e acomodados enquanto somos assaltados e roubados da nossa condição de cidadão, de trabalhador e de humanidade. Precisamos protestar em praça pública contra estas políticas retrógradas e contra este governo ilegítimo.

“  
As malfadadas reformas, tanto trabalhista como previdenciária, só serão barradas com manifestações populares, por isso que trabalhadores, de um modo geral, precisam protestar nas ruas. Não está mais em jogo apenas as ideologias partidárias.



CRÉDITO: LUIZ ANTONELLO

Trabalhadores de Blumenau marcham contra as reformas da previdência e trabalhista no Centro da Cidade, durante a Greve Geral do dia 30

**PARTICIPE DO EXPRESSÃO!** Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2014/2017

**Presidente:** Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** -, **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (CCT), **Tesoureiro:** Nazareno Schmoeller (CCSA), **1º Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **Diretor de Cultura e Cuidados com a Saúde:** João Luiz Gurgel Calvet da Silveira (CCS), **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretor de Assuntos Jurídicos:** Morilo José Rigon Júnior (CCEN), **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoní Goretti Damo (CCS)

CONSELHO FISCAL

**Efetivos:** Leandro Junkes (Biotério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

**Suplentes:** Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Selézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

**Tiragem:** 2.000 cópias. **Gráfica:** Grafnorte S/A (Apucarana, PR) - (41) 3598.1113 ou (41) 9926.1113

**Jornalista Responsável:** Magali Moser - MTB/SC 02353 JP  
Luiz Guilherme Antonello (estagiário de Jornalismo)

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

## Contato

**Expressão Universitária** é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

**Endereço:** Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, anexo à cantina central - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89030-903

**Telefone:** 47 3321-0400 | 47 3340-1477

**E-mail:** sinsepes@sinsepes.org.br

**Página:** www.sinsepes.org.br





# INTERNAS

## FURB LANÇA NOVOS DE CURSOS DE GRADUAÇÃO

A Universidade Regional de Blumenau, FURB, abre processo seletivo para o primeiro curso de licenciatura em Dança de Santa Catarina e único curso de Geografia presencial do Vale do Itajaí. No caso do curso de Dança, as inscrições e matrículas iniciam dia 17 de julho e vão até 4 agosto, para as 30 vagas ofertadas. Interessados em cursar Geografia, as inscrições vão do dia 17 a 30 de julho.

Nesse semestre 2017-2, a entrada para o curso de Dança se dará por processo seletivo especial, para o turno matutino, e as aulas começam no próximo dia 26 de julho, juntamente com os demais cursos de graduação. A proposta do curso é preparar o estudante para exercer a profissão de professor e bailarino, por meio de estudos teóricos e práticos. O curso tem duração de 8 semestres, ou seja, quatro anos. Para mais informações acesse [furb.br/danca](http://furb.br/danca)

O curso de Geografia também tem duração de oito semestres. Conta com três disciplinas específicas para desenvolver ações pedagógicas, sendo Alfabetização Cartográfica, Ensino de Geociências e Ensino da Geografia de Santa Catarina. Para mais informações acesse [furb.br/geografia](http://furb.br/geografia)

## CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA FURB COMEMORA 50 ANOS

O curso de Ciências Biológicas prepara a comemoração dos seus 50 anos, e prevê atividades a partir da Semana Acadêmica da Biologia, em setembro. Serão eventos acadêmicos e socioculturais promovidos pelo curso de Ciências Biológicas, apoiado pelo Departamento de Ciências Naturais, com palestras, mesas-redondas com personagens presentes na história do curso nas décadas de 70, 80, 90, anos 2000 e 2010, minicursos e debates com conferencistas. Temas atuais de diversas áreas das Ciências Biológicas serão pauta. Também está prevista a inauguração da Alameda Lúcia Sevegnani, em homenagem à professora, botânica e ambientalista que contribuiu para a promoção do curso e da Universidade

O cinquentenário será em 1º de junho de 2018, quando, em 1968, o primeiro curso de Biologia era formado no Estado, com o nome de História Natural. Em 1972, passou a denominar-se Licenciatura em Ciências Biológicas e em 1986, com o reconhecimento da Universidade Regional de Blumenau, foi retomada a oferta do curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas. Por uma demanda de mercado e dos próprios acadêmicos, também é ofertado o Bacharelado.

Hoje, o curso é ofertado em forma de licenciatura e o bacharelado, com cursos diurnos e noturnos. São cerca de 10 técnicos e 20 professores efetivos envolvidos, que, além do ensino, desenvolvem atividades de pesquisa e extensão e organizam eventos. Ao longo destes 50 anos foram formados 971 biólogos, dos quais 348 licenciados, 201 bacharéis e 422 com ambas as habilitações. Mais informações pelo (47) 3321-0272.



FOTO: LUIZ ANTONELLO

## ELSA BEVIAN É ELEITA PRESIDENTE DO ISSBLU

A professora do Departamento de Direito da FURB, Elsa Bevia foi eleita presidente do Instituto de Seguridade Social de Blumenau, ISSBLU, em votação para os novos conselheiros e diretoria da gestão 2017/2021, em 26 de junho. Elsa se elegeu com seis votos, contra três para o outro candidato, o advogado Éder Boron.

Também foram eleitos como vice-presidente o professor aposentado da FURB, Saul Alcides Sgrott, como secretária Marilei Teresinha Schreiner (Sintraseb) e como segundo secretário o professor do departamento de Administração da FURB Tarcísio Pedro da Silva. (Na foto, Marilei, Elsa, Saul e Tarcísio - da esquerda para a direita)

Estavam presentes na votação nove conselheiros, sendo eles: Cleyton Luís Grieshaber (indicado pela Prefeitura); Éder Antônio Boron (Prefeitura); Elsa Cristine Bevia (conselheira de Administração eleita, representando os ativos); Geraldo Pfiffer (Prefeitura); Isabel Brunon Ventura (conselheira de Administração eleita, representando os ativos); João Natel Pollonio Machado (FURB); Marilei Teresinha Schreiner (Sintraseb); Saul Alcides Sgrott (conselheiro de Administração eleito, representando os inativos); Tarcísio Pedro da Silva (Suplente do Conselho de Administração eleito, representando os ativos).

Segundo Elsa Bevia, que substituiu o professor do Departamento de Economia da Universidade e atual presidente do Sinsepes, Ralf Marcos Ehmke, o maior desafio desta gestão é a parte financeira do ISSBLU. "A gente tem uma preocupação com a saúde financeira do Instituto, para que todos os servidores no futuro possam usufruir de seus benefícios e aposentadoria. Existe um déficit muito grande e também há muitos parcelamentos realizados pela prefeitura nos últimos quatro anos, e nós temos um grande desafio de resolver todas essas questões junto com a formação dos conselheiros e capacitação com relação a esses assuntos", conta.

## RALF MARCOS EHMKE ASSUME BLUSOL

Atual presidente do SINSEPEs, Ralf Marcos Ehmke assume a presidência da Instituição Comunitária de Crédito Blumenau Solidariedade (BluSol). Eleito, em 27 de junho, por unanimidade pelos representantes das oito entidades com cadeira no conselho, Ralf passou a comandar a instituição em 1º de julho e sua gestão segue até 2019. Ao seu lado, como vice-presidente, estará o presidente anterior da BluSol Ido José Steiner. Com sede em Blumenau, a BluSol oferece crédito ao empreendedor de micros e pequenos negócios, seja ele formal ou informal. O objetivo é gerar emprego e renda por meio do fomento aos empreendedores. A instituição tem filiais em nove cidades catarinenses: Blumenau, Brusque, Gaspar, Indaial, Jaraguá do Sul, Joinville, Navegantes, Rio do Sul e São José; e uma no Paraná, em São José dos Pinhais, que contemplam o atendimento em 69 municípios. Como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), concede crédito para compra de matéria-prima e mercadorias, para a compra ou reforma de máquinas e equipamentos e reformas e ampliação dos espaços destinados aos negócios. Para mais informações, acesse [www.blusol.org.br](http://www.blusol.org.br)

## ABERTAS INSCRIÇÕES PARA PÓS EM ASSISTÊNCIA

Instituto FURB abre inscrições para especialização Sistema Único de Assistência Social e Proteção Social até o dia 4 de agosto. Um dos objetivos da especialização é oportunizar aos profissionais que atuam no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) o aperfeiçoamento teórico-prático na execução dos serviços socioassistenciais, da proteção social básica e especial e da gestão do SUAS.

Com duração de 18 meses (360 horas de especialização), o curso começa no dia 11 de agosto e é voltado para profissionais graduados que atuam ou pretendem atuar no Sistema Único de Assistência Social, sejam eles, assistente social, psicólogo, advogado, antropólogo, pedagogo, sociólogo, terapeuta ocupacional, musicoterapeuta, administrador ou mesmo contador. Para mais informações e realizar a inscrição compareça ao Instituto FURB, no Campus 3 da FURB, ou pelo (47) 3321 7360.

# DE COMO A CULTURA NEGRA-AFRICANA SE ARTICULA COMO CATEGORIA FILOSÓFICA

A cultura negra africana foi subjugada quando atravessou o período da colonização e experimentou o sistema degradante da escravização

*POR CARLOS ALBERTO SILVA*

**Prof. Dr. do curso de Publicidade e Propaganda da Furb e Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (Neab/Furb)**  
<carlosnago@yahoo.com.br>

**Q**uando pensamos a cultura africana, a partir do nosso olhar distante deste continente, as imagens que nos vem são aquelas capturadas e espalhadas pelos grandes veículos de comunicação de massa. E nelas estão um território de costume atrasado, preso na tradição, famílias numerosas, dificuldades econômicas e financeiras e, principalmente, presos ao misticismo religioso. Este é o discurso, quase sempre o mesmo, sob a perspectiva do branco que se apresenta como entendido sobre África.

Olhar a cultura negra-africana, por dentro, é descobrir a pluralidade cultural, as questões territoriais, étnicas, linguísticas, sociais, simbólicas, estéticas, políticas, religiosas e éticas. Não é possível falar de uma cultura negra como se ela fosse única no continente africano, como se fosse possível resumi-la. Essa tentativa foi feita pelos pensadores europeus quando disseram que os africanos eram estáticos, não evoluídos, que não tinham uma epistemologia, uma filosofia.

A cultura negra africana foi subjugada quando atravessou o período da colonização e experimentou o sistema degradante da escravização. O sujeito negro africano foi desumanizado e negligenciado em todos os sentidos, como estratégia para justificar a escravidão, e isso foi feito tanto científico como politicamente. Para reivindicar o sistema cultural negro como uma categoria filosófica, os pensadores africanos jogaram com as mesmas armas do colonizador. Ou seja, se utilizaram da escrita para reescrever a cultura africana no espaço acadêmico europeu e americano mas, sobretudo, no espaço acadêmico africano, quando passaram a falar da África para os africanos. Porque a melhor maneira de preservar e transmitir a filosofia é através da escrita, na forma de livros

O pensador nigeriano Joseph Omoregbe observa que o mundo ocidental tem sido beneficiado desde que a escrita surgiu na antiguidade e tornou possível preservar as reflexões desses filósofos. E devido à ausência de registros escritos nos últimos tempos, as reflexões filosóficas de pensadores africanos não tem sido preservadas efetivamente. Existem fragmentos de suas reflexões filosóficas através de outros registros como mitos, textos curtos: ditados, máximas de sabedoria, provérbios tradicionais, contos, além da própria religião.

Por isso, os intelectuais africanos vão se utilizar da língua do colonizador para dizer ontologicamente e epistemologicamente que a África não só tem uma história importante para humanidade, como também tem um saber calcado na oralidade, que vai propor um outro olhar sobre o mundo e sobre o próprio ser. E que os ensinamentos adquiridos a partir da tradição são formas pedagógicas para explicar a existência do homem e sua relação com a natureza, com os seres vivos e os objetos, com as divindades e a ancestralidade.

## UMA FILOSOFIA NEGRA AFRICANA

A filosofia africana se inscreve como filosofia reivindicando uma epistemologia própria, se contrapondo ao conceito universalizante de filosofar. O professor ganes Kwasi Wiridu chama a filosofia africana tradicional de “pensamento de comunidade” e que não seria uma criação específica

de um filósofo. Por outro lado, Omoregbe lembra que a filosofia tradicional africana surgiu a partir de pensadores individuais que refletiam sobre questões fundamentais que surgiam da experiência humana, mas estas reflexões tornavam-se propriedade de todos.

Os pensadores africanos passavam por processos de observação de raciocínio e reflexões antes de obterem ideias, perspectivas e visões de mundo transmitidas, depois, através de máximas, contos, mitos, organizações sociopolíticas, doutrinas religiosas. Tal transmissão de saber se dava, portanto, pela oralidade por isso o pensamento ser comunitário, de todos.

O sentimento de comunidade é destacado pela burquinense, escritora, professora e feminista Sobonfu Somé (uma das principais vozes da espiritualidade africana) quando fala da maneira de se relacionar do povo Dagara (encontrado em Gana, Costa do Marfim, Togo e Burkina Faso). Não só entre eles, mas também com outras etnias que têm uma relação de profundo respeito com a natureza e com as divindades. O professor Eduardo Oliveira, uma das principais referências da Filosofia da Ancestralidade no Brasil, também destaca este sentimento comunitário entre os Dogon (interior da África Ocidental) e o entendimento que tal etnia tem do mundo – ou dos mundos (visível e invisível).

Se o sistema cultural negro africano aponta para uma epistemologia africana e negra, a filosofia africana está diante da universal filosofia europeia. O filósofo camaronês Marcien Towa sustenta que de fato temos uma filosofia africana, mesmo com as divergências postas. Afinal, todas as filosofias, para merecerem o nome de filosofia, devem resultar de um debate sobre o absoluto, a realidade, os valores e as normas supremas.

Por isso, Towa sugere que podemos, inclusive, nos perguntar se todas as culturas conhecem ou sabem do pensamento filosófico, uma vez que um grande número de sociedades não tolera nenhuma discussão sobre as crenças, os valores e as normas supremas. E a resposta é dada pelo próprio Towa ao dizer que nem todas as culturas têm filosofia, mas todas são capazes de tê-las até, porque, talvez não existam sociedades inteiramente estranhas ao pensamento filosófico.

Concluindo, o sistema cultural negro-africano é uma categoria filosófica porque fundamentalmente vai questionar o estatuto ontológico africano e apresentar uma epistemologia baseada na cultura africana. Por este posicionamento, ontologicamente o africano é apresentado como a manifestação da multiplicidade e da diversidade, portanto estamos falando da pluriversalidade na cultura negro-africana.

E do ponto de vista da pluriversalidade, a filosofia africana, como uma multiplicidade, com suas particularidades, vividas num dado ponto do tempo, reivindica seu espaço. E mais do que isso. Este pensamento e este saber precisam estar em sala de aula, não só na Universidade Regional de Blumenau, mas nas escolas públicas e particulares do Vale do Itajaí. Afinal, excluir outras filosofias e negar seus estatutos não seria uma estratégia eficiente para tentar apagar um pensar filosófico africano que nasce a partir de seu sistema cultural. Vamos alongar o olhar o olhar dos nossos alunos e colocar em discussão o modelo universal e eurocêntrico do ensino/aprendizagem sobre a humanidade, a natureza e os mundos (visível e invisível).

## NEAB/FURB PARTICIPA DO III COPENE SUL

O III Copene Sul, o Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) -Negro(as), ocorre do dia 10 a 13 de julho, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, e traz como tema “NEGRAS E NEGROS NO SUL DO BRASIL: desenvolvimento, patrimônio e cultura afro-brasileira”. O Congresso se inscreve em um processo de construção histórica marcada pela organização da população negra, por meio do associativismo, que tem sido historicamente uma das estratégias de luta e resistência. Além da UDESC e UFSC, o evento tem como um dos organizadores o Núcleo de Estudos Afro-brasileiro da Universidade Regional de Blumenau (NEAB/FURB), com os professores Carlos Silva, do Depto. de Comunicação, Carlos José Silva (conhecido como Tigre), do Depto. de Educação Física e José Endoença Martins, aposentado da FURB, que foi o grande homenageado na última edição.

O professor e diretor de Comunicação do SINSEPES, Carlos Silva, coordena o GT 2 - de cultura - Arte e culturas afro-brasileiras e africanas, e também vai apresentar trabalho feito com a estudante Carli Verona, que fez Trabalho de Conclusão de Curso no Serviço Social sobre Negros na FURB. Além disso, Carlos apresenta parte de sua tese sobre Clementina de Jesus como um corpo cultural.

A abertura do Congresso será feita pelo professor Kabengele Munanga, que possui Graduação em Antropologia Cultural pela Université Offi-

cielle Du Congo à Lubumbashi (1969) e Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1977). Atualmente, Munanga é professor Titular da Universidade de São Paulo, e tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, atuando principalmente nos seguintes temas: racismo, identidade, identidade negra, África e Brasil. A partir dos anos 1980, cresce a participação de militantes negros e negras como professores(as) e pesquisadores(as) nas universidades brasileiras, o que vai impulsionar outras e novas demandas à academia e à produção do conhecimento. Estes requerem o lugar de sujeitos(as) e produtores(as) de ciência e não mais objetos da ciência, como eram tratados(as). É nesse contexto que intelectuais negros e negras passam a realizar, desde 2000, o COPENE, culminando em 2002, no II COPENE, com a criação da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN). Para promover a consolidação da ABPN em âmbito nacional, os Congressos Brasileiros de Pesquisadores(as), também passaram a acontecer regionalmente a partir de 2013, com I COPENE SUL sediado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e, em 2015, com o II COPENE SUL na Universidade Federal do Paraná (UFPR), quando foi eleita a Universidade Federal de Santa Catarina para sediar esta terceira edição. Para mais informações, acesse copenesul.com.br



CIA LA VACA - FOTO DE CRISTIANO PRIM.J

# FITUB SE TORNA BALZAQUIANO

O Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau é um dos principais festivais de teatro universitário do país e da América do Sul e chega, neste ano, de 2017, na sua 30ª edição.

O grupo de teatro Cirquinho do Revirado completa este ano 20 anos de fundação e será uma das atrações da 30ª edição do Festival Internacional de Teatro Universitário. Até o dia 13 deste mês, o FITUB vai levar mais de 40 apresentações dos 23 grupos participantes para o Teatro Carlos Gomes e outros espaços espalhados pela cidade (veja a programação completa no site [furb.br/fitub](http://furb.br/fitub)).

Júlia (foto de capa desta edição do *Expressão Universitária*) é o espetáculo do grupo de Criciúma, que circulou por 18 estados brasileiros. A peça nasceu em 2011, com a direção do diretor Blumenauense Pepe Sedrez. O espetáculo já ganhou mais de 20 prêmios em festivais competitivos e foi convidado para fazer a abertura e o encerramento de dezenas de festivais de teatro no Brasil. Em 2013, o grupo percorreu o país com o projeto Palco Giratório do SESC. A pesquisa do trupe é voltada especialmente para o teatro de rua, valorizando a diversidade desse espaço e o público que o frequenta.

A peça conta com a atuação de Reveraldo Joaquim e Yonara Marques. Eles já ultrapassaram a marca de 150 apresentações Brasil a fora, projetando o nome do Grupo e da cidade de Criciúma por onde passa. O espetáculo narra a história de Júlia, uma mulher das ruas, e Palheta, seu fiel escudeiro. Entre realidade e ilusão, uma mulher sem pernas vai dançar. A dupla gira o mundo, dizendo-se dona dos restos de um circo incendiado. Cúmplice na amizade, nos números artísticos e na linguagem, o casal arranca risos. Júlia se mostra fascinada pelas pernas dos outros, estabelece-se um clímax no qual Júlia apresentará um número de dança. O espetáculo tem 55 minutos de duração. Mas esta é apenas uma das peças que aguardam pelo público. Este ano, grupos de São Paulo (SP), Uberlândia (MG), Brasília (DF), Salvador (BA) entre outras regiões, participam do festival. Veja a lista dos espetáculos convidados e programe-se!

## ESPETÁCULOS CONVIDADOS

### UZ

06/07, às 21h – Duração 95 min – Classificação 14 anos – Espectadores: 822

Teatro Carlos Gomes – Grande Auditório Heinz Geyer  
Ingressos gratuitos com retirada antecipada na Bilheteria do Fitub

### ODISEO.COM

07/07 e 08/07 às 23h – Duração 65 min – Classificação 16 anos – Espectadores: 35

#### Casa Peluqueria

Uma coprodução Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral - CELCIT (Argentina) e Grupo Teatral (E)xperiencia Subterránea (Brasil)

Ulises viaja constantemente movido por suas tarefas como executivo de uma empresa internacional. Não pode, ou não consegue voltar para Laura, sua esposa, que o espera em Bremen. Em Florianópolis, Elisa, sua amante, também o requer. A vida então se organiza por meio

do Skype, WhatsApp, Twitter e Facebook. A vida segue, mas é a mesma vida?

Autoria Marco Antonio de La Parra | Direção André Carreira

### JÚLIA

09/07, às 12h – Duração 55 min – Classificação 12 anos - Espectadores: livre

Feirinha da Servidão Wollstein – Rua Curt Hering

Cirquinho do Revirado - Criciúma SC

Júlia, uma mulher das ruas, vem chegando. Palheta, seu fiel escudeiro, é quem a conduz. Na bagagem, coisas do mundo, coisas da vida, tantas coisas. Entre realidade e ilusão há uma linha muito tênue, onde uma mulher sem pernas seria capaz de rodopiar. Esta dupla errante gira o mundo ou é o mundo quem os gira? Excluídos pelos excluídos, dizendo-se donos dos restos de um circo incendiado, Júlia e Palheta “se viram”. Não é fácil ter pernas!

Autoria Fabiano Peruchi, Pépe Sedrez, Reveraldo Joaquim e Yonara Marques | Direção Pépe Sedrez

### KASSANDRA

09/07, às 22h30min e 10/07, às 20h30min – Duração 60 min – Classificação 18 anos – Espectadores: 90

Queens Blumenau

La Vaca Companhia de Artes Cênicas – Florianópolis SC

Kassandra, Princesa de Troia. Nasceu menino, transformou seu corpo e se tornou uma guerreira do sexo. Tinha o dom da vidência, mas foi chamada de louca quando previu a terrível tragédia. Nesta noite ela recebe clientes na boate em que trabalha e reconta, em uma língua que não é a sua, o mito violento e sensual que os escritores gregos esqueceram de narrar.

Autoria Sergio Blanco | Direção Renato Turnes

### EL CANTAR DE LOS SOÑANTES

13/07, às 19h - Duração 65 min – Classificação livre – Espectadores: 200

Teatro Carlos Gomes - Palco do Grande Auditório Heinz Geyer

Periplo Compañía Teatral – Buenos Aires - Argentina

Sonhar ... despertar ... a tarefa de amolecer o tijolo todos os dias, a tarefa de abrir caminho nessa massa pegajosa que chamamos de mundo. Estamos dormindo ou acordados? Os mesmos sapatos ... o mesmo gosto da mesma pasta de dentes... Há algo de errado se as coisas nos encontram sempre da mesma forma? Por que estaria errado? Estamos subordinados ao nascer do sol todos os dias... Sonhamos ou estamos tomando café com leite? Sonhamos ou estamos abrindo o jornal? Abrimos os olhos, um sonho se desvanece, um sonho frustrado, um sonho abandonado... Como ressuscitar o sonho? Como voltar ao dia em que o sonho poderia ser nosso? Cada sonho é censura e ao mesmo tempo uma brecha, uma porta semiaberta... Acordamos ou sonhamos que estamos diante dessa porta? Ou é atrás dessa porta que nos espera o sonho?

Autoria Periplo Compañía Teatral dialogando com J. Cortázar, E. Tuñón, L. Lamborguini | Direção Diego Cazabat

# A DIÁSPORA

Pesquisa abrigada pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiro da Universidade Regional de Blumenau

*POR SANDRO GALARÇA*

Jornalista, Doutor em Literatura (UFSC) e professor do Departamento de Comunicação da FURB <sandro.galarca@gmail.com>

**A** cidade de Blumenau, historicamente constituída por uma população de maioria branca, formada a partir de uma suposta colonização germânica, tem uma população crescente de imigrantes dos mais diversos locais e origens étnicas, fato ignorado pelos meios de comunicação.

Contrastando com a imagem de cidade desenvolvida e polo de crescimento industrial da região, existe uma cidade à margem desse desenvolvimento,

que habita a periferia, vive em núcleos populares, nos bairros mais distantes e na formação crescente de sub-habitacões no entorno da cidade. Constatase, por assim dizer, um desinteresse da mídia em produzir conteúdo reflexivo sobre esse fenômeno migratório e social.

Em primeiro lugar, é preciso entender esses movimentos migratórios que constituem a população blumenauense, assim como investigar qual imagem está sendo construída pelos meios de comunicação a partir dessa nova configuração social, maquiada pela publicidade de uma “Alemanha sem passaporte” e reforçada pelas notícias que, a priori, marginalizam os negros, índios e mestiços, considerando-os como alguém que vem de fora e que mancha a imagem de uma cidade em que predomina a cultura teuto-brasileira.

Tem-se a impressão, nitidamente, que a construção da imagem do negro, de modo mais específico, nos discursos midiáticos locais, se dá sob o ponto de vista do preconceito, ligada ao não-pertencimento da sociedade de origem germânica. O negro é um ser estranho em uma comunidade que, curiosamente,

foi erguida sob trabalho escravo e força negra.

A partir desses pressupostos, o NEAB – Núcleo de Estudos

Afro-brasileiros, abriga uma pesquisa que pretende investigar como os negros aparecem nas propagandas de televisão, nos outdoors, nas reportagens de TV, nos textos e nas matérias jornalísticas impressas. A pesquisa pretende descobrir em que circunstância a comunidade negra é entrevistada pelos meios de comunicação, em que temas predominantes aparecem e qual a ligação com os discursos sociais, relacionados à violência, imigração, moradia.

A pesquisa, financiada pela FURB sem fomento externo, pretende ainda descobrir como se dá a construção do olhar midiático em torno da população negra de Blumenau, sob os mais diversos meios de comunicação.

Em segundo lugar, é preciso entender que jornalismo nasce e se estabelece como um veículo de informação para “equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício de seus direitos e voz na expressão das suas preocupações – designado como a liberdade positiva do jornalismo”. (TRAQUINA, 2004, p. 129).

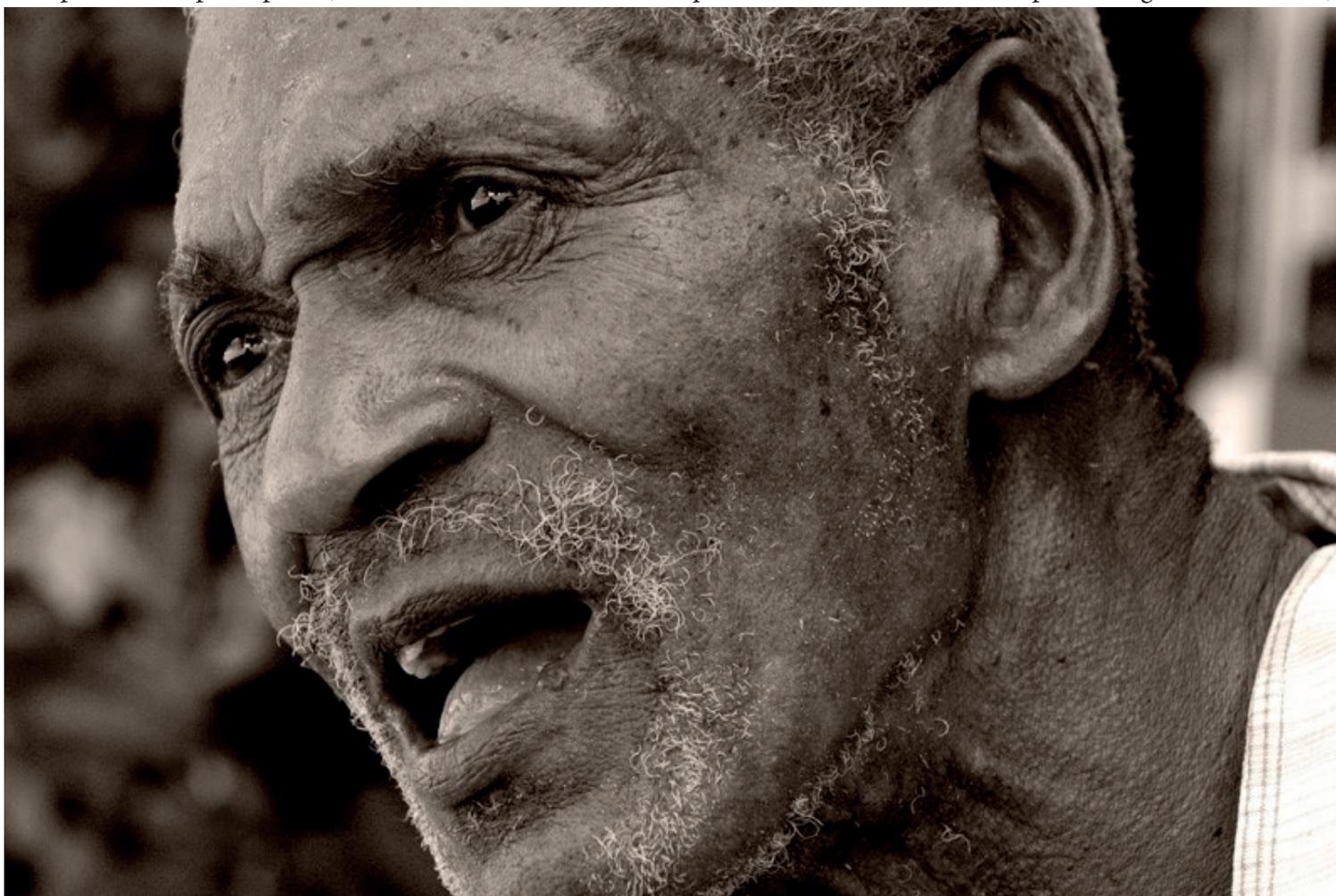
Cabe, portanto, à função jornalística assegurar a divulgação e repercussão de notícias de fatos que colaborem com o progresso humano, a igualdade social e, por consequência, o desenvolvimento humano sem qualquer tipo de discriminação, numa visão muitas vezes contrária ao poder hegemônico, como defende Genro Filho (2012, p.197).

Para o autor, se por um lado o jornalismo nasceu e se desenvolveu historicamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo, também é verdade que ele “é dotado de potencialidades que o ultrapassam”. Entendemos que uma das potencialidades que ultrapassam o capitalismo seja o poder ou, na pior das hipóteses, a influência que exerce ao contar histórias verdadeiras, representar o pensamento da sociedade e refletir sobre temas importantes à vida e ao cotidiano social, como a história dos menos favorecidos, a imagem de negros, índios e outras etnias que não refletem o viés hegemônico opressor de uma sociedade branca e liberal.

Em terceiro lugar, cabe-nos questionar por que a história das minorias, como os negros que moram nas periferias da cidade, não é contada pelos meios de comunicação? Por que temas como moradia, saúde, educação, cultura e religião dos negros que habitam Blumenau não faz parte da agenda da mídia e,

“

**Tem-se a impressão, nitidamente, que a construção da imagem do negro, de modo mais específico, nos discursos midiáticos locais, se dá sob o ponto de vista do preconceito, ligada ao não-pertencimento da sociedade de origem germânica. O negro é um ser estranho em uma comunidade que, curiosamente, foi erguida sob o trabalho escravo e a força negra.**



CRÉDITO DAS FOTOS: RAFAELA MARTINS

# NA PELE

Blumenau (NEAB) busca mapear como o negro é representado na imprensa blumenauense

como consequência, da agenda social?

De acordo com a característica da centralidade, apontada por Hohlfeldt (2001) como um dos conceitos básicos da hipótese do agendamento, “há muitos assuntos que são noticiados constantemente, mas que não são conscientizados como centrais (isto é, decisivos) para a nossa vida, enquanto que outros assim se tornam”. (2001, p. 202). Por que isso acontece? Como, na prática, se verificam essas nuances? Como a divulgação dos hábitos, costumes e do cotidiano de moradores da cidade que têm sua vida relegada às páginas policiais foram esquecidos com o passar dos tempos?

E, por fim, precisamos saber em que medida a criação de uma imagem germânica, que se reflete na arquitetura da cidade, no idioma falado em família e nos grupos sociais até hoje, nos trajes típicos e na exposição midiática sobre a maior festa alemã do Brasil, apagou as demais etnias do imaginário coletivo e, por consequência, dos meios de comunicação? Por que negros, índios, pardos, mulatos, mestiços e demais imigrantes não são protagonistas de suas histórias e não as veem contadas pelas lentes dos meios de comunicação em Blumenau?

Em parte, esses questionamentos podem ser respondidos por Hall (2006) como sendo reflexo de um fenômeno pós-moderno, em que a identidade cultural é construída socialmente. O autor argumenta que as identidades nacionais não são “coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da ‘representação’”. (Pág. 48). Ou seja, sabemos o que é ser “brasileiro” pela referência de brasilidade que recebemos da sociedade, expressa nos meios de comunicação de massa, assim como sabemos o que é ser “de descendência germânica” e o que isso projeta em uma sociedade como a de Blumenau.

Por oposição, podemos dizer que também sabemos o que é “ser negro” a partir de uma referência social, formada na representação de longo prazo, como sendo o não-pertencente original dessa sociedade. A figura do negro em Blumenau nasce, cresce e se desenvolve como a representação do “fora de lugar”, do forasteiro, na melhor interpretação da diáspora proposta por Hall (2006). Esta imagem é reforçada pela representação social feita cotidianamente nos meios de comunicação social.

Neste momento, lembramos o que reforça Munanga (2015), ao escrever que as velhas migrações e o tráfico negreiro junta-

ram num mesmo território geográfico descendentes de povos, etnias e culturas diversas. Essa foi a gênese da construção do povo brasileiro, formada pelos indígenas nativos do território brasileiro, os europeus colonizadores, os escravos trazidos para trabalho forçado em diversas épocas e os movimentos de imigração intensificados no século XIX.

Em termos mundiais, com o fenômeno da globalização, completa Munanga, há cerca de meio século os fenômenos pós-coloniais provocaram novas ondas migratórias dos países pobres e em desenvolvimento, principalmente africanos, em direção aos países ricos desenvolvidos da Europa e da América do Norte. A noção de território é, a cada dia, mais fugidia e menos rígida, assim como a noção de formação cultural e étnica “pura”, como insistem os meios de comunicação. O Brasil é fruto de toda essa miscigenação cultural, mas o cidadão blumenauense que é representado socialmente parece resistir a essa multiplicidade étnica. E a mídia tem boa parte dessa culpa.

Referências:

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-Modernidade. trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HOHLFELDT, Antônio. FRANÇA, Vera Veiga. MARTINO, Luiz Carlos. Teorias da Comunicação. Escolas e Tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20;31, dez. 2015.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

“

**A noção de território é, a cada dia, mais fugidia e menos rígida, assim como a noção de formação cultural e étnica “pura”. como insistem os meios de comunicação. O Brasil é fruto de toda essa miscigenação cultural, mas o cidadão blumenauense que é representado socialmente parece resistir a essa multiplicidade étnica**



Moradores de Blumenau entrevistados para a série de reportagem *Negra Blumenau*, com fotos de Rafaela Martins

# DOS 17 ANOS AOS 50

FOTOS: LUIZ ANTONELLO

Na lista dos 20 servidores em atividade com mais tempo de trabalho na FURB, Rita de Cássia Rebelo se prepara para deixar a instituição após 32 anos de dedicação

*POR MAGALI MOSER*

Jornalista <magali.moser@gmail.com>

“A FURB é tudo pra mim, é a minha vida”. É assim, com os olhos marejados, a voz trêmula e tentando conter a emoção, que Rita de Cássia Rebelo se refere à instituição onde trabalha por 32 anos. Ingressou, em 1985, no Centro de Processamento de Dados (então CPD, hoje Divisão de Tecnologia da Informação) e funcionária do Centro de Ciências Humanas e da Comunicação desde 1986, quando o CCHC ainda era Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e a Universidade reunia poucos cursos.

Uma época em que era possível conhecer todos os ramais, o prédio da biblioteca ainda estava em construção, as matrículas geravam filas intermináveis e cronogramas de aulas eram processos feitos totalmente à mão. Ela é uma das testemunhas das transformações da Universidade em mais de 30 anos de história. Rita integra a lista dos 20 servidores técnico-administrativos em atividade com mais tempo de trabalho na FURB, segundo dados da Divisão de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (conforme tabela anexa na página ao lado).

Aos 50 anos, sendo 32 deles dedicados à FURB, Rita se prepara

para se aposentar em agosto e deixar a Universidade. Coincidentemente, o marido dela, Renato André Rebelo, também está em processo de aposentadoria da FURB. Casada e mãe de dois filhos (Guilherme, 25, e Gustavo, 21) que também estudaram na Universidade, as lembranças e vivências de Rita se confundem com a FURB.

Na entrevista exclusiva concedida ao *Expressão Universitária*, ela lembra de projetos pioneiros como o Universidade para a Terceira Idade e os cursos de Psicologia, Moda e Secretariado Executivo Bilíngue, todos nascidos no CCHC mas que atualmente estão vinculados a outros Centros da Universidade).

Embora tenha entrado na instituição em 1985, passou por concurso em 1996, o primeiro concurso público para a FURB, a fim de regularizar a situação dos servidores. Dia 4 de agosto será seu último dia no CCHC, após 32 anos da mesma rotina. Nesta entrevista, Rita compartilha alguns de seus planos e memórias acerca da instituição. Hoje o CCHC abriga os cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Ciências Sociais, História, Ciências da Religião, Serviço Social e Geografia que será lançado em agosto.

**Expressão Universitária - Como e quando foi seu ingresso à FURB?**

**Rita de Cássia Saraiva Rebelo** - Em 1985 trabalhava próximo à FURB e na hora do almoço ficava em companhia de uma amiga querida, Patrícia Manetta, que já trabalhava aqui na Universidade. Foi

“

**Quando cheguei (à FURB), em 1985, a Biblioteca estava sendo construída [...] Nesse mesmo ano, a FURB foi reconhecida como Universidade pelo Conselho Estadual de Educação. Foi muito bom participar desses momentos festivos.**

através dela que conheci o diretor do Centro de Processamento de Dados – CPD, Dimas Moser, que por indicação da Patrícia, me contratou como secretária. E foi assim que ingressei na FURB, numa data inesquecível, 1ª de abril de 1985, no antigo CPD que hoje é a Divisão de Tecnologia da Informação – DTI. Nessa época, a FURB não era uma instituição pública. Somente em 1995, a instituição passou a ser de direito público e, na ocasião, todos os trabalhadores, para continuarem na instituição, tinham que prestar concurso. E foi assim que passei a ser uma servidora pública. Após um ano de trabalho no CPD (atual NI) e engatar um namoro com um colega de trabalho (meu esposo desde 1988) fui convidada para trabalhar no CCHLA (atual CCHC). Fiquei chateada é

claro, mas não sabia eu que ali começaria minha longa história de

amor com o CCHC.

**Expressão - Que lembranças você tem da FURB àquele momento?**

**Rita** - Poder trabalhar na FURB àquela época era o sonho de qualquer jovem. Para muitos, era motivo de status trabalhar aqui, para mim, era a chance de estudar e fazer uma carreira. Minhas memórias eram de uma FURB pequena, onde todas as pessoas se conheciam e se tratavam pelo nome. Dava para saber todos os ramais de cor. Em época de Copa do Mundo nos reuníamos para assistir aos jogos da seleção brasileira, no chapéu de palha. Nas assembleias do Sindicato, havia o envolvimento e comprometimento de todos os servidores, sempre lutando por questões econômicas e sociais da Universidade. Isso, infelizmente, não se vê nos dias atuais, o que talvez se justifique pelo imenso crescimento que a FURB teve de lá para cá, com a expansão da estrutura física e do quadro de servidores.

**Expressão - Como funcionária da FURB por mais de 30 anos, você acompanhou momentos decisivos da Universidade, o crescimento e expansão da instituição. Quais foram os momentos mais marcantes nesse processo?**

**Rita** - Quando cheguei, em 1985, a Biblioteca estava sendo construída, era uma grande obra, sinal de orgulho para toda a comunidade blumenauense. Nesse mesmo ano, a FURB foi reconhecida como Universidade pelo Conselho Estadual de Educação. Foi muito

bom participar desses momentos festivos. Em 1987, foi o meu ingresso tão sonhado na graduação em Administração. Tínhamos um DCE forte e engajado e funcionários atuantes na Associação dos Servidores da FURB (ASEF). Sem dúvida, foi uma época de grandes movimentos. O principal, no meu ponto de vista, foi para que acadêmicos e funcionários pudessem votar na eleição para Reitor. Outro grande marco, histórico, foi a greve de 2007, na gestão do Reitor Eduardo Deschamps. Também não poderia deixar de citar as manifestações em prol da Federalização da FURB.

**Expressão - Você também testemunhou mudanças e gestões no CCHC... conte um pouco dessas vivências...**

**Rita** - Sim, realmente, foram sete Diretores: Na época quem estava à frente da direção era Dna. Yolanda Tridapalli, uma senhora de personalidade forte e de fala macia, carioca de Niterói, como gostava de dizer. Era uma pessoa muito determinada e amava o que fazia. O Centro era uma pequena salinha no Bloco A, do Campus I. Dona Yolanda era uma visionária e foi a mentora da Universidade para a terceira idade. O Centro foi crescendo aos poucos, atualmente oferecemos sete cursos de graduação, um Mestrado e um Doutorado. A Área de Ciências Humanas possui um caráter bastante interdisciplinar, temos vários Núcleos dentro da Universidade e nossos docentes atuam com disciplinas em quase todos os cursos oferecidos pela FURB. Daquela salinha pequena, passamos a ocupar um espaço significativo do Bloco R, que já está pequeno diante das demandas do CCHC. Posso afirmar que aprendi muito trabalhando com cada um dos Diretores e que todos foram comprometidos com uma gestão acadêmica e administrativa de qualidade. Cada um, a sua maneira, foi deixando marcas na construção do CCHC com leituras de mundo e de Universidade diferentes, mas unidos em um único objetivo: discutir criticamente as demandas do Centro e da Universidade, sempre com o objetivo de fortalecê-los. Acredito que a diversidade de pensamento, o trabalho em equipe e a humildade, sempre caracterizaram o CCHC, como um Centro plural, unido.

**Expressão - De que forma você analisa as transformações vivenciadas na FURB ao longo desses mais de 30 anos trabalhando na instituição?**

**Rita** - Cheguei aqui com 17 anos e estou saindo aos 50. Comecei trabalhando com máquina de escrever manual, depois veio a máquina elétrica e, por fim, o tão sonhado computador. O processo de matrícula era surreal: filas quilométricas, tudo feito à mão, as secretárias dos Centros montavam os horários dos Cursos em uma gigantesca planilha e, para evitar os choques de horário, estávamos sempre nos comunicando umas com as outras. Enfim, era bastante complexo e trabalhoso e não como é hoje, tudo através de sistema, isso sem dúvida facilitou muito as coisas. A FURB era a única Universidade da Região do Vale do Itajaí, chegamos a ter mais de 15 mil alunos na graduação, isso sem contar os alunos da Pós Graduação. Hoje, 32 anos depois, convivemos só aqui em Blumenau com vários centros Universitários, faculdades e até um polo da UFSC, o que claro, gera uma enorme concorrência. Então, estar à frente da administração de uma Universidade como a FURB, atualmente, demanda uma enorme competência. Nosso diferencial é a busca constante de qualidade. O papel da Universidade não se resume à formação acadêmica, ela precisa participar da transformação da sociedade e esse papel ao longo dos anos a FURB vem desempenhando muito bem. Passei por muitas reitorias e todas elas tiveram seus méritos. Crescemos em espaço físico, tivemos evoluções tecnológicas, o avanço das mulheres em cargos administrativos, vivenciamos aqui dentro uma transformação constante das relações de trabalho. É óbvio que nem sempre é o que gostaríamos. O Brasil

está passando por um momento econômico e político muito difícil e importante, e esse reflexo sentimos de perto. Então, temos que ser criativos e otimistas. Imagino uma FURB para todos, sem limitações.



RITA PARTICIPOU DOS JOGOS DA REDE ACAFE (COFAFE) FOTO: ARQUIVO/ASEF

**Expressão - Você também fez parte da ASEF e da diretoria do SINSE-PES nesse período. Como foram essas experiências? E qual a importância das entidades, na sua opinião?**

**Rita** - Sim participei na ASEF, foram duas gestões: 2000/2002 e 2002/2004, como Diretora Cultural. Esses momentos foram de muita dedicação e empenho, nossa gestão tinha como meta melhorar as relações dos servidores através de atividades culturais, esportivas e sociais. Foi um enorme desafio. Quando você faz com amor seu trabalho, os objetivos são alcançados. Trabalhávamos nos divertindo e ver o resultado desse trabalho era ainda mais gratificante e motivador. No Sinsepes, fui 1ª tesoureira na gestão 2008/2011. Participar de uma entidade que representa a classe dos servidores, como o sindicato, foi realmente muito desafiador. Garantir os direitos dos trabalhadores, negociar acordos salariais e sociais demandava muito tempo e responsabilidade. O fortalecimento da base sindical, garantiu, sem dúvida, melhores condições de trabalho. Hoje, o governo tenta tirar a contribuição obrigatória sindical sabendo que essa contribuição é a principal fonte de custeio dessas organizações e que isso irá consequentemente enfraquecer os movimentos sociais e a luta pelos direitos dos trabalhadores. Temos um governo corrupto tentando aprovar as mudanças nas leis trabalhistas e da previdência, para fragilizar a classe trabalhadora. Não podemos permitir a retirada destas conquistas históricas, precisamos resistir e estar atentos juntos com nossos sindicatos. <<SEGUE>>

“

**Temos um governo corrupto, tentando aprovar as mudanças nas leis trabalhistas e da previdência, para fragilizar a classe trabalhadora. Não podemos permitir a retirada destas conquistas históricas, precisamos resistir e estar atentos junto com nossos sindicatos.**

DADOS DA DGP DA FURB

## OS 20 SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS EM ATIVIDADE COM MAIS TEMPO DE TRABALHO NA FURB

NOME	ADMISSÃO	LOCAL	CARGO
Doroti Jung Wanke	18/02/1974	Pro-Reitoria de Administração	Assistente Administrativo
Roberto Bernhard Disse	06/07/1978	Biblioteca Universitária	Bibliotecario
Edilma Zanghelini Mamede	05/05/1980	Divisão De Gestão e Desenvolvimento de Pessoas	Assistente Administrativo
Maria Rosaria dos Santos	01/03/1981	Divisão de Administração do Campus	Servente
João de Deus Oliveira	01/01/1982	Divisão de Tecnologia da Informação	Analista de Sistemas
Marcos Alberto dos Santos	13/04/1982	Ouvidoria	Aux. de Serv. Administrativos
Carlos Roberto Linhares	08/09/1982	Divisão de Administração do Campus	Administrador
Idalgo de Oliveira	10/01/1983	Divisão de Administração do Campus	Assistente Operacional
Mauricio da Silva	04/08/1983	Biblioteca Universitária	Encadernador
Oswaldo Dias	03/10/1983	Divisão de Administração do Campus	Assistente Administrativo
Erasmus Abel Veiga	16/03/1984	Divisão de Administração Financeira	Administrador
Aldirio Vicente	15/05/1984	Divisão de Modalidades de Ensino	Analista de Sistemas
Marcel Siebert	17/01/1985	Instituto de Serviços, Pesquisa e Inovação	Assistente Administrativo
Leide Regina de Liz	01/02/1985	Divisão de Cultura	Assistente Administrativo
Marcos Aurelio Soares	01/02/1985	Divisão de Administração do Campus	Assistente Administrativo
Ailton Cardoso	11/03/1985	Centro de Ciências Tecnológicas	Químico
Rita de Cássia Saraiva Rebelo	01/04/1985	Centro de Ciências Humanas e da Comunicação	Assistente Administrativo
Nilton Schafer	01/08/1985	Divisão de Tecnologia da Informação	Aux. em Assuntos de Informática
Hans Jorges Grohs	04/11/1985	Divisão de Tecnologia da Informação	Analista de Suporte
Stefan Haase	21/11/1985	Divisão de Tecnologia da Informação	Analista de Suporte

**Expressão - Tem algo que você sente saudades nesses mais de 30 anos dedicados à Universidade?**

**Rita** - Tem, lógico! Sinto falta das histórias contadas pelas pessoas mais velhas, com quem tive o privilégio de trabalhar. Uma dessas pessoas dizia que um dia, se escrevesse um livro sobre a FURB, este se chamaria "Se a FURB falasse", era muito engraçado. Tenho saudades também de ver uma expressiva participação das pessoas nas confraternizações, nas assembleias e nos jogos entre as Universidades da rede ACADE. Fiz grandes amigos aqui dentro, daqueles que fazem e sempre farão parte da minha vida, dentro e fora da FURB. Imagina, foram 31 anos num mesmo setor, impossível não criar um forte vínculo de amizade. E em mim cada um deixou sua marca, sua história. Saudade é um sentimento bom de sentir, né? Mas precisamos viver o presente e se preparar para futuro.

**Expressão - Você já sabe o que irá fazer depois de 32 anos de trabalho na FURB?**

**Rita** - Então, esse momento da aposentadoria, por mais que a gente espere e trace planos, acaba nos pegando assim meio de "supetão". Estou bastante sensível nesses últimos dias, são muitos sentimentos diferentes, alegria, tristeza, enorme saudosismo, mas uma imensa vontade de experimentar o que vem pela frente. Quero aproveitar com calma os momentos, curtir minha casa,

aprender um idioma, ter aulas de música e dança. Quero dedicar mais tempo à minha família e à minha mãe. Quero encarar o tempo como meu aliado, deixar as coisas irem acontecendo naturalmente e no seu ritmo. Sou meio acelerada, não paro nunca, então, nessa nova fase, vou precisar aprender a desacelerar.

**Expressão - Como você definiria o que a FURB representa na sua vida?**

**Rita** - A FURB é meu porto seguro. Ela possibilitou meu crescimento pessoal, intelectual e profissional. Cheguei muito menina e saio uma mulher madura ainda cheia de sonhos. Estudei, casei, tive filhos, tudo isso aqui, a FURB se mistura com a minha história e eu faço parte dela. Os amigos que ainda estão trabalhando aqui e que me conhecem desde o início não perderam o hábito de me chamarem de Ritinha. Parece até um clichê, mas realmente um local onde você trabalha por tanto anos, tantas horas, acaba se tornando, inevitavelmente, uma extensão da sua casa. Você cria laços fortes com as pessoas do seu convívio. Sempre cuidei com carinho do meu ambiente de trabalho, sempre zelei pela boa convivência com meus colegas e tentei dar o meu melhor na realização das minhas atividades. Vou sair daqui com orgulho da minha trajetória profissional, orgulho de ter feito parte da construção dessa Universidade. A FURB foi e sempre será uma doce lembrança e sem dúvida uma parte de mim que nunca esquecerei. <<FIM>>

# DA FANTASIA DE "FAVELADOS DO RIO DE JANEIRO" AO CINISMO DAS ESCOLAS

Reflexões em torno do comunicado da escola de Itajaí que convocou alunos da 4ª série a se fantasiarem de favelados do Rio de Janeiro para uma festa

*POR JOSÉ ISAÍAS VENERA*

Jornalista e professor universitário < j.i.venera@gmail.com >

A racionalidade cínica já faz parte do currículo escolar. O evento mais recente, mas não o primeiro: um comunicado de um colégio particular aos pais convocando alunos da 4ª série a se fantasiarem de favelados do Rio de Janeiro para a Festa da Integração. Mais um evento do sul do país, desta vez em Itajaí (SC), do Colégio Cenecista Pedro Antônio Fayal, que pertence a uma rede de ensino em âmbito nacional – a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). O caso ganhou visibilidade na última quarta-feira, 28 de junho, no Facebook de Willian Domingues, pai de um dos alunos.

A poucos dias de completar um ano da polêmica festa "Se nada der certo" – em duas escolas confessionais do Rio Grande do Sul, uma de Novo Hamburgo e outra de Porto Alegre, quando alunos do 3º ano se fantasiaram de garis, faxineiras, vendedores, presidiários -, não teríamos a repetição desse mesmo gesto? Se nada der certo, iremos para a favela, sairemos de nossas escolas particulares, dos apartamentos confortáveis, deixaremos de ir aos shoppings e de andar de carros com os vidros fechados para não sentir o cheiro do lado de fora. É certo que, no caso mais recente, temos somente uma intenção materializada em um bilhete, podendo, aqui em esforço imaginativo, os professores surpreenderem seus alunos em uma suposta desconstrução de estereótipos.

Dessa vez, a polêmica em torno de uma postura cínica – pela naturalização do estereótipo de favelado – atingiu um colégio que tem sua origem, em 1962, ligada a líderes sindicais, com passagem por movimentos comunistas, resistência, posteriormente à fundação, à ditadura militar e de combate à perversidade do capitalismo. Localizado na Vila Operária, o Colégio divulgou nota de desculpas pelo bilhete equivocado, no qual reconhece a "inadequação de uma frase descontextualizada", afirmando que não tinham intenção de "criar estereótipos". A contextualização foi apresentada pela proposta baseada na "canção 'Alagados' do grupo Paralamas do Sucesso, onde é citada a Favela da Maré".

O acontecimento realça a tese do psicanalista Christian Dunker sobre o Brasil contemporâneo, que cada vez mais se fecha entre muros, estruturando o imaginário social, no qual o sujeito, ao sentir-se seguro no seu mundo privado, apenas espia as mazelas econômicas e a ausência do Estado sem se implicar com a sociedade. Não foi exatamente isso a proposta do colégio, a partir de uma canção, espionar o que está fora da realidade de seus alunos justificando como contextualização?

Do lado de fora dos muros, surge, no imaginário enquadrado pelos dispositivos de saber-poder, o bárbaro, aquele que não aceita a lei, a justiça

e as práticas de um Estado que fomenta a desigualdade social. Contudo, como o "bárbaro", que compõe o país, se integra no imaginário dos integrados, destes que se fecham entre muros de escolas privadas tradicionais (é claro que Willian nos mostra que se pode ocupar estes espaços de forma crítica)? Até então, o mais conhecido era fantasiar as crianças de índios, mas, agora, também, de favelado, de gari, de atendente do McDonald's.

O comunicado destaca a indumentária que deverá compor a representação do parque de estereótipos que a escola se transformará no dia da Festa da Integração. "O figurino para a nossa apresentação na Festa da Integração será: (...) FAVELADO DO RIO DE JANEIRO". Como diz o ditado, o diabo está nos detalhes. O nome da festa funciona como um enunciado que regula toda fantasia da sociedade cínica. Integrar significa que alguma coisa de fora passará a fazer parte do grupo. No entanto, em tempo que se vende café descafeinado, leite de soja, tic tac sabor pipoca etc., o que passará a integrar será somente uma fantasia distorcida, nunca o que de fato está no lado de lá. É como nas fotos que circularam na época da festa "Se nada der certo", quando adolescentes se vestiam de faxineiras sex alimentando o fetiche de jovens fantasiados de garis másculos.

A fantasia de quem espia o mundo por cima dos muros de seus condomínios ou da tela de seus smartphones não é apenas, nesse caso, de simular um favelado a partir de seu imaginário, mas, bem ao contrário, efetivar uma espécie de limpeza do que permanece como incômodo em sua moral simplista e maniqueísta, algo que podemos ver colocada em prática na prefeitura de São Paulo, no movimento de criminalizar dependentes químicos e moradores da Cracolândia, eliminando os "estorvos" para abrir caminho para o mercado em áreas valorizadas.

## SOCIEDADE CÍNICA

Não é de hoje a interpretação de que vivemos em uma sociedade cínica (tese de Vladimir Safatle), na qual as pessoas viveriam uma estranha posição subjetiva de ironizar todas as relações sociais como sendo fonte perpétua de seu gozo. Quando estereótipos são reproduzidos de forma naturalizada, o cinismo adquire uma dimensão estrutural, não podendo recair à crítica ao indivíduo – este, ao contrário, apenas expressa o que está imanente na sociedade. Alia-se a esse traço predominante das relações sociais a retirada do núcleo interno das mercadorias em nome da saúde, mas muito bem fetichizada pela lógica do mercado, como no já citado café descafeinado. Temos com este par – cinismo (relações sociais) e simulação (simula-

ção de produtos) – o culto à desumanização que desancora a energia do sujeito de todas as referências, deixando à deriva qualquer projeto de sociedade. O imperativo na sociedade cínica é, sempre, o mercado, tornando-se excluído aqueles que não tem capital para consumir. Estes passam a ser os "bárbaros". Por outro lado, a convocação do mercado para os sujeitos é que gozem ininterruptamente, como na convocação do colégio Fayal, ou por meio da notícia sobre a operação policial feita na favela tal que resultou em um número X de mortos, ou, ainda, na satisfação de ver a capa da Veja que traz uma foto chocante etc.

Se o mercado é que dita as regras do jogo, não é de estranhar que muitos estereótipos sejam reproduzidos sem uma ação docente reflexiva, muitas vezes por falta de formação continuada em uma perspectiva crítica. Ao contrário, o que parece se mais recorrente são palestras de coaching pensadas para empresas com intuito motivacional, o que constitui a própria reprodução do cinismo em ambientes escolares.

As mazelas funcionam como o resto não simbolizado de uma sociedade que não consegue realizar suas fantasias, mas os integrados gozam imaginando que os favelados, garis, faxineiras etc. sonham em ter seu status.

## O REAL ATRAVESSA A REALIDADE

Fora dos muros, a favela é real. Não há dúvida. Quando Willian questiona "desde quando favela é fantasia?", sobre a pobre dicotomia feita pelo colégio de que, de um lado, teriam os médicos, advogados e empresários, e, de outro, os favelados, ele expõe o mal-estar dessa sociedade cínica. Entretanto, o real que precisamos operar aqui nos afeta por outros caminhos. O real como aquilo que nunca se integra à fantasia daqueles enquadrados entre muros, mas, ao mesmo tempo, é o motor dos estereótipos. A favela assim é o motor do desejo de uma sociedade conservadora e reacionária, incapaz de simbolizar outras formas de vida, por isso mesmo são repetidos sempre os mesmos estereótipos para que, assim, possam encontrar sentido às suas vidas pobres de experiência e subjugadas aos ditames do mercado.

O estereótipo tem esta função de criar uma caricatura de uma realidade que diz mais respeito ao caricaturista do que ao caricaturado. Nos conglomerados da mídia, essa lógica tem uma importante função: servir de reconhecimento imediato. O reconhecimento dá-se pela pobreza de informações e pela repetição. Não é de hoje que telenovelas, filmes e jornais repetem sempre as mesmas estruturas narrativas sobre as favelas. Contudo, como questiona Willian: "Desde quando favelado é fantasia?"

# INFÂNCIA, EDUCAÇÃO INFANTIL E IDENTIDADE DE GÊNERO:

Dimensões de uma intrincada relação

POR ROSELI NAZARIO

Pedagoga do Instituto Federal Catarinense (IFC) <roseli.nazario@ifc.edu.br>

**N**o momento em que as discussões em torno de ideologia, identidade e orientação de gênero retornam ao cenário jurídico legislativo de Blumenau, posterior a decisão do Supremo Tribunal Federal (DJe nº 128/2017) em relação ao veto sobre a Lei Complementar 994/2015 (que aprova o Plano Municipal de Educação – 16/06/2015), importa reacender este debate no âmbito das reflexões pedagógicas.

O veto em questão diz respeito a especificidade do artigo 10 (§5º) que interdita “a inclusão ou manutenção das expressões ‘ideologia de gênero’, ‘identidade de gênero’ e ‘orientação de gênero’ em qualquer documento complementar ao Plano Municipal de Educação, bem como nas diretrizes curriculares”; veto sobre o qual este texto se propõe a discutir, à luz das práticas cotidianas da Educação Infantil.

Para tanto, tomemos como ponto de partida o relato de professoras de uma instituição educativa, quando contam de uma situação vivida no encontro com crianças de 3 e 4 anos de idades no cotidiano institucional.

*Certo dia um CEI recebeu uma doação de fantasias e, dentre outras peças, estavam alguns lenços coloridos, um traje infantil alemão e um collant infantil cor-de-rosa (peça de vestuário para ballet). Colocadas à disposição das crianças, as peças passaram a ser usadas nos momentos de brincadeiras. Um dos meninos do grupo, de imediato, escolheu o collant cor-de-rosa e o vestiu sobre suas roupas, enquanto as demais crianças dançavam enroladas aos lenços. O fato desta escolha chamou a atenção das professoras responsáveis pelo agrupamento, quando no final da tarde ele tirou o collant, dobrou-o e entregou para uma delas, pedindo que guardasse-o para que pudesse usar no dia seguinte. Chegando ao CEI, logo pela manhã, o menino pediu a referida peça, o que aumentou a estranheza das professoras. Vestiu-o, brincou e, no final do dia, voltou a fazer o pedido para guardá-lo. Isso se repetiu por 4 dias e virou discussão entre todas as profissionais do CEI, marcada pela preocupação sobre a orientação de gênero em torno desta criança de apenas 4 anos de idade. Uma das professoras, diante da situação gerada, resolveu conversar com o menino sobre a escolha, quando foi surpreendida pela seguinte explicação: “é que eu sou o Power Rangers azul.*

*Mas, como não tem dessa cor, eu peguei esse rosinha”.*

Esta situação – brevemente relatada e que consiste em uma, entre tantas outras que compõem o cotidiano da Educação Infantil –, por si só diz da impossibilidade da retirada das discussões em torno de gênero (e de sexualidade) dos currículos escolares. Há que se ter presente que tais discussões, mesmo quando não autorizadas, por força de lei, nos Planos de Educação (municipais, estaduais e nacional) e, conseqüentemente, nas propostas curriculares ou projetos político pedagógico de creches, pré-escolas e escolas, emergem com força na fala dos profissionais da educação, em especial, a partir das observações sobre os modos de ser criança nos contextos de Educação Infantil.

Pelas práticas pedagógicas, no encontro com as crianças, como professoras e professores, aprendemos e ensinamos, por exemplo, que as “masculinidades e feminidades” são produzidas mesmo anterior ao nascimento e, por isso, “dizem respeito à identificação dos sujeitos com configurações de masculinidade ou de feminilidade” (CARVALHO, ANDRADE, JUNQUEIRA, 2009, p. 27). Entretanto, tais definições não precisam ser biologicamente fixadas em corpos de homens ou mulheres, muito menos, devam estabelecer poder em razão do sexo (no caso, o masculino nas sociedades patriarcais).

Na Educação Infantil, essas “identidades performativas” (PAECHTER, 2009) de masculinidades e feminidades são continuamente encenadas e/ou ensaiadas pelas crianças nos contextos educativos, nas suas brincadeiras, muitas vezes carregadas de relações de desigualdade de gênero. Igualmente, por vezes, também são interpretadas pelas

professoras e professores do mesmo modo, como no caso da escolha do menino pelo collant cor-de-rosa, o que confirma a tese de Louro (2008, p. 18), de que a construção de gênero se dá “através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais”.

Deste modo, uma política de formação docente precisa ser implantada e/ou implementada, no sentido de ajudar na construção de práticas educativas não sexistas e de equidade de gênero, visto que pesquisa recente dá indícios de que as questões de gênero ainda não são prioridades na escola, assim como muitos dos livros utilizados são compostos por uma linguagem sexista, tanto na escrita quanto nas imagens (MARANGON; BUFREM, 2010).

Assim sendo, no momento em que as construções das identidades de gênero na primeira infância estão adentrando à pesquisa educacional brasileira (COSTA; SILVA, 2015), não é possível que a legislação educacional se pautem em preceitos que neguem a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a produção de identidades plurais e que sejam igualmente valorizadas sem distinção de sexo, de maneira a negar toda e qualquer forma de ação heterossexista, androcêntrica e de misoginia.

Nesta condição, nos é caro o ato do Supremo Tribunal Federal que sustentou sua defesa de veto sobre o Plano Municipal de Educação de Blumenau no preceito constitucional, evidenciando a contrariedade de tal plano:

*i) ao objetivo constitucional de “construir uma sociedade livre, justa e solidária” (art. 3º, I); ii) ao direito a igualdade (art. 5º, caput); iii) à vedação de censura em atividades culturais (art. 5º, IX); iv) ao devido processo legal substantivo (art. 5º, LIV); v) à laicidade do estado (art. 19, I); vi) à competência privativa da União para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional (art. 22, XXIV); vii) ao pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (art. 206, I) e; viii) ao direito à liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber (art. 206, II) (STF - DJe nº 128/2017, p. 84).*

Ainda neste mesmo documento, segue defendendo que “o direito à educação consubstancia um compromisso com a pluralidade democrática, devendo-se advertir que o enclausuramento em face do diferente furta o colorido da vivência cotidiana, privando-nos da estupefação diante do que se coloca como diferente” (STF - DJe nº 128/2017, p. 84)

Desta forma, apoiada nesta intercessão do STF, bem como nos indicativos das pesquisas educacionais, reitero a importância de rumarmos à (des)construção das identidades de gênero e à promoção de práticas pedagógicas imbricadas com as expressões da sexualidade da criança pequena nas instituições de Educação Infantil.

Referências:

BLUMENAU. Lei Complementar nº 994, de 16 de junho de 2015. BRASIL: Poder Judiciário. Diário da Justiça Eletrônico nº 128/2017, publicado em 16 de junho de 2017.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Gênero e diversidade sexual: um glossário. João Pessoa - PB. Ed. Universitária, UFPB, 2009.

COSTA E SILVA, Jocineide da. Construções de identidade de gênero na primeira infância: uma análise da produção científica e do RCNEL. Trabalho apresentado na 37ª Reunião Nacional da ANPEd, GT 23. Florianópolis - SC, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Proposições, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, maio/ago. 2008

MARANGON, Davi; BUFREM, Leilah Santiago. A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Nacional da ANPEd, GT 23. Caxambu - MG, 2010.

PAECHTER, Carrie. Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Tradução de Rita Terezinha Shmidt. Porto Alegre - RS: Artmed, 2009.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Infância e pedagogia: dimensões de uma intrincada relação. In: Perspectiva. Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 21-33, jul.dez. 1997

“

**O veto em questão diz respeito a especificidade do artigo 10 (§5º) que interdita “a inclusão ou manutenção das expressões ‘ideologia de gênero’, ‘identidade de gênero’ e ‘orientação de gênero’ em qualquer documento complementar ao Plano Municipal de Educação, bem como nas diretrizes curriculares”; veto sobre o qual este texto se propõe a discutir, à luz das práticas cotidianas da Educação Infantil.**

# LIVRO RECOLHIDO PELO MEC NÃO É APOLOGIA DO INCESTO

Por que é um erro e uma estupidez a decisão do ministério de retirar das escolas exemplares de 'Enquanto o Sono Não Vem'

*POR MAICON TENFEN*

Escritor e professor de Literatura Brasileira da FURB <tenfenmaicon@gmail.com>

— Isso aqui não é literatura — vociferou o vereador. — É um lixo!

E exibiu para a assembleia o objeto da sua repulsa, um livrinho de capa azul com o desenho de um menino tocando flauta.

— Já liguei para a secretária de Educação — prosseguiu o político. — Ela mandou recolher todos os exemplares das escolas públicas municipais.

Na hora dos apartes, os demais vereadores fizeram fila até o microfone e parabenizaram a indignação do orador. — Vamos assinar uma moção de repúdio — disse um deles. — Temos de passar um pente-fino nas escolas — disse outro, até que um terceiro, mais delirante, reivindicou o retorno de disciplinas como a extinta educação moral e cívica.

— Concordo 100 por cento com Vossa Excelência — apoiou o orador. — Eu sou do tempo em que toda semana se cantava o hino na escola.

\*\*\*

A cena ocorreu há alguns dias na Câmara de Vereadores de Blumenau, município catarinense situado a 150 quilômetros de Florianópolis. Na verdade, os heroicos representantes do povo estavam apenas chutando um cachorro morto. O MEC acabara de determinar que 93 000 exemplares do livro em questão, Enquanto o Sono Não Vem, de José Mauro Brant, fossem recolhidos das escolas públicas do país. A alegação é que a obra seria imprópria para estudantes em processo de alfabetização.

Um dos recontos do livro, inspirado em tradições populares, narra a história de um rei que pretende se casar com Eredegalda, a mais bela de suas filhas.

O convite é feito assim:

— Se quiseres casar comigo, serás minha esposa, e tua mãe, nossa criada.

Não deixa de ser curioso que o discurso do nosso vereador — e de muitos que condenaram o livro — tenha omitido a resposta da menina:

— Isso não, querido pai, isso não pode ser. Prefiro ficar fechada do que ver minha mãe criada.

Na sequência, por resistir à bestialidade do pai, a menina é trancada numa torre, onde morre de sede.

Se entendermos um conceito simples como “histórias são ferramentas para a vida”, será fácil perceber que o conto de Eredegalda não é uma apologia do incesto, mas o seu oposto. O universo simbólico dos contos de fadas serve para isso mesmo: criar condições psicológicas para que as crianças se defendam do autoritarismo e da barbárie. Se não fosse assim, o MEC também deveria recolher os livros com a história de Chapeuzinho Vermelho. O clássico surgiu para que temas como estupro e assédio sexual fossem discutidos com crianças de 6, 7 e 8 anos, justamente a faixa etária indicada para a leitura de Enquanto o Sono Não Vem.

\*\*\*

A decisão do MEC quanto ao livro da Eredegalda se ampara no parecer técnico da Secretaria de Educação Básica (SEB), que considera as crianças limitadas, sem “autonomia, maturidade e senso crítico para problematizar determi-

nados temas”. Mais grave é que o parecer fecha os olhos para a violência sexual — um problema que existe, inclusive, no seio de muitas famílias brasileiras — e assim impede que as crianças criem defesas individuais contra as situações do gênero. Se o objetivo da censura foi proteger nossas crianças, como dito por tantos demagogos, lamento informar que o tiro saiu pela culatra.

Apesar disso, o ministro da Educação, Mendonça Filho, reafirmou o propósito de “reavaliar” todo o material de leitura disponível nas escolas. Menos, ministro, por favor. Não sei exatamente por que alguém com seu currículo foi nomeado para uma pasta tão importante, mas tenho certeza de que não foi para incentivar devassas em bibliotecas públicas.

É que o tom justiceiro dos vereadores de Blumenau se repetiu em inúmeras cidades brasileiras, de Sidrolândia (MS) a Londrina (PR), de Vila Velha (ES) a Recife (PE). Não são só os blumenauenses que querem passar o “pente-fino” no currículo e na literatura escolar. Com as porteiras abertas pelo MEC, a histeria inquisitiva está se generalizando Brasil a fora.

As decisões do governo federal deveriam pelo menos preservar os estudantes da sanha vingativa de políticos populistas que ainda não entenderam para que servem os livros. Isso vale não apenas para os conservadores, mas também para o pessoal do politicamente correto, haja vista o carnaval que há alguns anos se montou sobre Caçadas de Pedrinho, de Monteiro Lobato, acusado de difundir a intolerância e o racismo.

Ganha a hipocrisia, perde a educação.

Toda censura se instaura a partir de uma boa causa. Começamos a proibir livros para “proteger as nossas crianças” e terminamos compondo um índice de obras nocivas ao governo (que poderia ser representado por esse rei imoral que oprime a família). Depois vemos as fogueiras nos pátios das repartições e, por fim, pessoas sendo presas e torturadas por abrir um livro em praça pública. Vivemos isso há pouquíssimos anos no Brasil. Com essa vocação autoritária dos nossos políticos, basta um titubeio para o pesadelo voltar.

\*\*\*

Eu deveria terminar com um gracejo — como é que se combate a violência sexual com o retorno da educação moral e cívica? —, mas o assunto é sério demais para brincadeiras.

\*Texto publicado originalmente na Revista Veja, da Editora Abril, em junho deste ano

“

**É que o tom justiceiro dos vereadores de Blumenau se repetiu em inúmeras cidades brasileiras, de Sidrolândia (MS) a Londrina (PR), de Vila Velha (ES) a Recife (PE). Não são só os blumenauenses que querem passar o “pente-fino” no currículo e na literatura escolar.**





# TRIUNVIRATO

## VAMOS PROTEGER AS NOSSAS CRIANÇAS

A proteção à infância é um tema fácil de aparecer nos discursos políticos. E quem contestaria tamanha boa intenção? Porém trago outras perguntas: Proteger de quem ou de quem? Como? Quem protege? Baseado em quê? Trago, então, dados sobre a infância:

- 63 milhões de crianças e adolescentes no Brasil
- 46% das crianças e adolescentes menores de 14 anos vivem em domicílios com renda per capita até meio salário mínimo
- 132 mil famílias são chefiadas por crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos

Fonte: IBGE, 2010

O Disque-denúncia – 100 – recebeu 91.342 ligações em 2014, 25% eram sobre violência sexual. 74% das vítimas entre 0 e 14 anos e 65% dos casos aconteceram dentro do grupo familiar. Os dados constam na página da organização Childhood Brasil e se aproximam muito com os dados do relatório Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2015 da Fundação Abrinq.

Um estudo publicado em 2010 que utilizou como fonte os dados de 2006 do Programa Sentinela de Blumenau apontou 362 casos de violência contra crianças e adolescentes entre 0 e 15 anos. Destes, 241 eram de violência sexual. A maior parte dos agressores? Do próprio grupo familiar. (FREITAG, 2010) O recorte populacional no estudo considera a faixa etária até 18 anos. Resolvi trazer os dados até 15 anos para ficar próxima ao recorte etário dos estudos citados acima.

Logicamente as situações de vulnerabilidade a que estão submetidas as crianças e adolescentes são mais amplas, sendo a violência o seu extremo. O combate a essas situações é, sem dúvida, essencial. Assim como a prevenção! Trouxe os dados para fundamentar isso: a necessidade de prevenção! Para prevenir é preciso esclarecer, falar sobre, envolver a sociedade e começar cedo. Entro aqui no papel que a educação e, particularmente a escola, pode desempenhar neste sentido.

Falar com crianças e adolescentes sobre temas delicados não é simples, mas é necessário! A morte, a desonestidade, a mentira, o preconceito e a intolerância, a violência e o abuso sexual, a violência física e psicológica... Tudo isso faz parte do cotidiano, aparece nos noticiários, nas telenovelas, nas músicas, nas redes sociais e, às vezes, dentro da própria casa. Algumas crianças são apenas expectadoras, outras são vítimas. Existem várias formas de abordar estes assuntos e uma delas é a literatura.

A criança viaja com a história. Vive os diferentes sentimentos dos personagens. Tem medo do lobo, compaixão pelo porquinho que perde a casinha, experimenta a sensação de justiça quando a bruxa má morre. Muitas histórias infantis são criadas justamente para facilitar o diálogo com as crianças sobre assuntos complexos. Por isso muitas histórias infantis são macabras, tem finais terríveis para os vilões e acontecimentos perversos com os/as mocinhos/as.

Essas histórias sempre estiveram presentes e sempre ajudaram as crianças a compreenderem melhor esse mundo e as relações que acontecem nele. Entre os tantos livros com histórias assim, Enquanto o sono não vem traz contos que permitem tratar de temas polêmicos e assustadores: rapto de uma criança por um homem mau, ciúme e inveja, mau humor e desobediência, um vilão que é tão perverso que quer obrigar a filha mais bela a se casar com ele e, em nome do seu desejo, comete muitas atrocidades.

São temas pesados, complexos e, infelizmente, como vimos nos dados, presentes em muitos cotidianos infantis, por isso a literatura é tão bem-vinda. As crianças ou-

vem e vivenciam os dramas de cada personagem. Percebem que fazer o mal pode ter graves consequências e vão construindo conceitos sobre o “bem” e o “mal”, sobre o “certo” e o “errado”. E, além disso, a literatura ainda possibilita que a criança perceba se está sendo vítima de alguma ação de violência. A triste história de Eredgalda é triste já no título, tem um desfecho terrível que é a morte da menina, resultado da violência física e psicológica a que é submetida pelo próprio pai.

É um conto popular, reescrito e publicado. Não faz apologia ao incesto, nem incentiva. Porém, o Ministro da Educação, retrato do atual falso moralismo que compõe nosso cenário político, desencadeou uma caçada ao conto dito inapropriado para as crianças em fase de alfabetização. E logo se viu um levante de pessoas que nem sequer leram o livro e, se leram, interpretaram de forma questionável e limitada a triste história que poderia servir como suporte para uma discussão tão necessária quanto a da violência contra a criança.

Por aqui, na Alemanha sem passaporte, não foi muito diferente. Vimos a Câmara de Vereadores “condenar em primeira instância”, munidos das “próprias convicções”, mas sem fundamentos teóricos ou legais, o livro

de contos recolhido às pressas de todas as escolas.

É lamentável que um moralismo raso, uma ignorância perversa e um ranço ideológico se sobreponham à palavra de pessoas que estudam o tema com profundidade e seriedade. É impressionante como alguns setores dessa sociedade caminham cada vez mais para perto do tempo da inquisição.

O autor da obra, José Mauro Brant, explicou em entrevista ao portal G1 que “Há uma desinformação do que é o conto folclórico e dos contos de fada, que são territórios que abordam assuntos delicados.” Ele continua explicando que se trata “de um universo simbólico” que, nesse conto, “dá voz a uma vítima”.

Proteger as crianças passa, portanto, por abrir diferentes canais de comunicação, em locais onde ela se sinta segura para se expressar. A escola é um desses lugares em potencial. Prevenir a violência infantil passa também por um processo de educação social. Silenciar diante dos dados apresentados é que não parece ser uma boa estratégia.

“

**Por aqui, na Alemanha sem passaporte, não foi muito diferente. Vimos a Câmara de Vereadores “condenar em primeira instância”, munidos das “próprias convicções”, mas sem fundamentos teóricos ou legais, o livro de contos recolhido às pressas de todas as escolas. É lamentável que um moralismo raso, uma ignorância perversa e um ranço ideológico se sobreponham à palavra de pessoas que estudam o tema com profundidade e seriedade.**

# CURTAS

## CONCURSO DE LITERATURA DA FURB TEM 81 INSCRITOS

O 1º Concurso Novos Talentos da Literatura "José Endoenga Martins" 2016/2017, promovido pelo Departamento de Letras da FURB, tem 81 inscrições realizadas. O julgamento das obras será em 31 de julho, e a premiação, em 30 de agosto. São cinco categorias: Romance (13 inscrições), Conto (30), Poema/Poesia (28), Infante-Juvenil (10) e História em Quadrinhos (sem número de inscrições). De acordo com o regulamento, as obras inscritas são inéditas, entendendo-se com isso textos não publicados, parcialmente ou em sua totalidade, em antologias, coletâneas, suplementos literários, jornais, revistas, sites, blogs e qualquer outro meio de publicação. Foram inscritas obras de 11 estados brasileiros e do Distrito Federal (com 2 inscritos), sendo Santa Catarina (36 inscrições), São Paulo (16), Rio de Janeiro (6), Paraná (6), Minas Gerais (3), Amazonas (3), Rio Grande do Sul (2), Rondônia (1), Pará (1), Pernambuco (1) e Sergipe (1). Além disso, o Concurso teve uma inscrição da Venezuela (Poema) e uma de Portugal (Romance). Do total, 47 inscritos são homens e 34 são mulheres. Para mais informações, envie e-mail: [novostalentos@furb.br](mailto:novostalentos@furb.br)

## DOCUMENTÁRIO SOBRE NAZISMO É LANÇADO

No último mês, o documentário ANAUÊ! abriu a 21ª edição do Florianópolis Audiovisual Mercosul, o FAM, na Mostra Longas Mercosul. O longa metragem, do catarinense Zeca Pires, expõe os tempos do Integralismo e Nazismo na região de Blumenau. Com depoimentos de populares da região, historiadores, filósofos e sociólogos, intercalados com imagens e filmes de arquivo com narrativa em primeira pessoa, o filme trata da história passada enfatizando o momento atual no Brasil e no mundo. Édio Nunes faz a voz do diretor e é o 11º filme de Zeca Pires, realizado como a verba do prêmio Edital Cinema da Fundação Catarinense de Cultura edição 2013/2014 (prêmio de R\$ 120 mil). Veja trailer em [youtu.be/wi53ecfjAXs](http://youtu.be/wi53ecfjAXs)

## SANTA CATARINA SEDIA ENCONTRO MUNDIAL DE MULHERES

Pela primeira vez realizado na América do Sul, o 13º Congresso Mundos de Mulheres (MM) ocorre em conjunto ao Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 (FG), entre 30 de julho e 4 de agosto de 2017 em Florianópolis, SC, no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O tema do encontro é "Transformações, Conexões, Deslocamentos". O objetivo é aumentar o diálogo para uma perspectiva mundial, onde se possa ouvir outras vozes, novas propostas, valorizar saberes, ampliar horizontes de estudo e de ativismo. Desse modo, pensar e propor perspectivas inclusivas para os estudos feministas e possibilidades de construção feminista. Para participar, é necessário realizar inscrição. Mais informações, inscrições e contato, acesse [www.fazendo-genero.ufsc.br/www2017/](http://www.fazendo-genero.ufsc.br/www2017/)

Quinta-feira, 30 de março de 1978

FOLHA DE S. PAULO

"Não peço sua interferência, mas acredito que o senhor deva ser

## Os 23 desaparecidos que constam da lista enviada pelo cardeal

Esta é a lista de 23 desaparecidos que d. Paulo Evaristo Arns enviou a Jimmy Carter em 29 de outubro de 1977.

1 — RUBENS BEYRODT PAIVA, nascido em 26 de dezembro de 1929, filho de Jayme Almeida Paiva e de Aracy Beirodt Paiva. Engenheiro civil e deputado federal por São Paulo, eleito em 1962 e cassado em 1964. Preso em sua residência no Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1971. Foi visto por testemunha nos dias 22 e 23 de janeiro de 1971 no DOI-CODI do Exército.

2 — PAULO DE TARSO CELESTINO DA SILVA, nascido em 26 de maio de 1944 em Morrinhos — Goiás, filho de

Maciel. Metalúrgico e ex-deputado estadual pela Guanabara. Preso no dia 03 de abril de 1974 em São Paulo e desde então desaparecido. Anteriormente fora preso por motivos políticos no período de 1970 até 1973, quando foi solto por falta de provas.

13 — LUIZ IGNACIO MARANHÃO FILHO, nascido em 25 de janeiro de 1921 em Natal — Rio Grande do Norte, filho de Luiz Ignácio Maranhão e Maria Salomé de Carvalho Maranhão. Casado com Odete Rosseli Garcia Maranhão. Jornalista e advogado, professor da Universidade do Rio Grande do Norte. Preso no dia 03 de abril de 1974 em São Paulo e desde então desaparecido.

## Há mais casos

Advogados ligados à Arquidiocese paulista continuaram suas pesquisas a respeito de pessoas desaparecidas devido ao seu suposto envolvimento político.

Estes são os 15 casos:

1 — VIRGILIO GOMES DA SILVA, operário. Desaparecido desde o dia 29 de setembro de 1969, em São Paulo.

2 — MARIO ALVES VIEIRA DE SOUZA, ex-deputado. Desaparecido entre os dias 14 e 16 de janeiro de 1970.

3 — JORGE LEAL GONÇALVES PEREIRA, nascido em Salvador, em 1938. Casado. Pai de quatro filhos. Engenheiro eletricitista. Desaparecido desde outubro de 1970. Consta que foi visto por testemunhas no DOI-CODI do Exército, no Rio de Janeiro.

4 — STUART EDGARD ANGEL JONES, estudante, desaparecido desde 14 de maio de 1971, no Rio de Janeiro.

5 — ALOISIO PALHANO, desaparecido desde maio de 1971, em São Paulo.

6 — LUIS DE ALMEIDA ARAUJO, desaparecido desde junho de 1971, em São Paulo.

7 — HELENI TELES GUARIBA, estudante, filha de Pascoina Alves Ferreira, desaparecida desde 13 de julho de 1971, no Rio de Janeiro.

8 — AYLTON ADALBERTO MORTATI, estudante de Direito do Mackenzie, Oficial do Exército. Desaparecido desde 4 de novembro de 1971, em São Paulo.

9 — ANTONIO MARCOS BENTO DE OLIVEIRA

## Americano-

Segundo versão de sua família americano-brasileiro estudante Stuart Angel Jones, agentes de segurança no dia 10 de maio e morreu na madrugada de um envenenamento de monóxido de carbono depois de ter sido arrastado no pátio do Centro de Garantia da Aeroespacia (CGA) do Galeão. Stuart foi solto no dia 10 de maio e morreu na madrugada de um envenenamento de monóxido de carbono depois de ter sido arrastado no pátio do CGA.

As circunstâncias da morte assim relatadas por outro filho, Polari de Alverga, que praticou carta à mãe de Stuart, a mãe, Alex, relatou como conseguiu a abertura da janela de sua cela as testemunhas Stuart. Baseada nesta carta no livro "Governos Militares" série "História da República" historiador Hélio Silva e suas, Zuzu levou as denúncias de seu filho até o senador Edward Kennedy, que discutiu os EUA (Stuart tinha um pai norte-americano).

A III Zona Aérea, a qual era comandada nesta época por João Paulo Penido Burnier, brigadeiro Afonso Dellaria

## ACERVO DITADURA EM SANTA CATARINA É DISPONIBILIZADO PARA CONSULTA

O Acervo Ditadura em Santa Catarina está disponível para a consulta de pesquisadores, estudiosos e familiares das pessoas presas, torturadas ou mortas na ditadura, no Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH), do Centro de Ciências Humanas e da Educação da UDESC (FAED/UDESC). Todo o conteúdo foi digitalizado e gravado em DVDs, e as consultas podem ser feitas no local, com exceção de documentos que envolvem questões de direito autoral ou de autorização das famílias. O material foi doado pelo Coletivo Catarinense Memória, Verdade e Justiça ao IDCH, sendo sua abertura em 27 de junho.

Após anos de trabalho do Coletivo, que levantou as informações, o acervo é composto por recortes de jornais, relatórios, gravações de som e vídeo, fotografias e folders que registram dados e fatos históricos da ditadura em Santa Catarina, dentre eles: documentos sobre Paulo Stuart Wright, Deputado Estadual cassado e morto no período da ditadura militar; gravações de som e imagem com depoimentos da Comissão da Verdade em SC e depoimento de sete mulheres presas na ditadura militar; relação de 700 presos políticos de SC; biografias e fotos com processos relativos a Lei 9.140/95 que reconheceu os desaparecidos como mortos; dossiê completo do Prefeito de Balneário de Camboriú que foi assassinado pela ditadura militar em 1969; folders, cartazes de atividades e eventos relacionadas a ditadura em Santa Catarina; processos de anistiados, desaparecidos e presos políticos catarinenses (Lei nº 10.719/98); matérias publicadas em Jornais nacionais, estaduais e locais sobre mortos e desaparecidos na ditadura; filmes sobre a ditadura militar; manifestos sobre criação da Comissão Nacional da Verdade; relatórios do Coletivo Catarinense Memória, Verdade, Justiça; e livros, folhetos e revistas. Todos os materiais estão disponíveis no IDCH para consulta e pesquisa, na rua Visconde de Ouro Preto, 457, Centro, Florianópolis. O horário de atendimento é de segunda a sexta, das 8h às 17h. Mais informações em <http://www.faed.udesc.br/idch>

## ÁLBUM DOIS DE MAREIKE CHEGA AO MERCADO MUSICAL NESTE MÊS

Financiado coletivamente pelo público no último ano, o segundo álbum da cantora Mareike, chega ao mercado musical, e nas mãos dos apoiadores. Com uma sonoridade moderna e pop, "Dois", já está disponível em plataformas digitais, como Spotify, Deezer, iTunes e Google Play, para ouvir e baixar. No novo disco, produzido por Giba Moojen, Mareike está acompanhada dos músicos Junior Marques (direção musical e piano), Caio Fernando (baixo), Mayla Valentin (percussão) e Jimmy Allan (baterista convidado), banda que a acompanha desde 2008.

A gravação do CD em estúdio foi realizada por meio de campanha de financiamento coletivo, encerrada em 18 de agosto de 2016. A meta era arrecadar R\$30 mil em 60 dias. Com letras de Gregory Haertel e músicas de Edu Colvara, Thiago K, Júnior Marques, Mareike, Diego Moraes, Raul Misturada e Paulo Monarco, o álbum conta com 11 músicas: Frita, Qualquer Cortesã, Tantã (com participação especial de Diego Moraes), Dias de Tensão, Gelo e Água Quente (com participação especial de Tó Brandileone), Eras (faixa coproduzida por Raul Misturada e Paulo Monarco, com participação especial de Paulo Monarco na guitarra), Infame, Vade Retro, Urgente, Vem e De Braços Dados.

Acompanhe as notícias e as novidades da cantora pelo [www.facebook.com/mareikeoficial](http://www.facebook.com/mareikeoficial) e [www.instagram.com/mareikeoficial](http://www.instagram.com/mareikeoficial)

Entre os materiais disponíveis no acervo, encontram-se recortes de jornais como este, edição de 30 de março de 1978 da Folha de São Paulo, com destaque para a lista de 23 desaparecidos que Dom Evaristo Arns enviou a Jimmy Carter em 29 de outubro de 1977.

# INSPIRAÇÃO

## EM BLUMENAU, TRABALHADORES PROTESTAM CONTRA AS REFORMAS

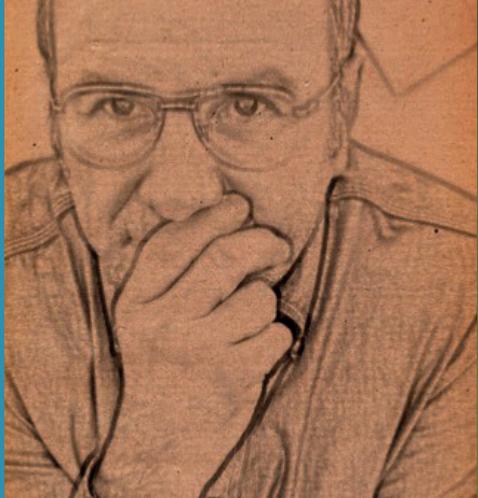


Como parte das ações nacionais de protestos às medidas anunciadas pelo governo contra os trabalhadores e a retirada de direitos, movimentos sociais, sindicatos e trabalhadores em geral se mobilizaram dia 30 de junho em uma nova Greve Geral. Em Blumenau, o movimento teve o apoio do SIN-SEPES e de mais 14 sindicatos integrantes do Fórum dos Trabalhadores de Blumenau (FTB). A concentração foi em frente à Agência do INSS e a passeata partiu da Prefeitura Municipal de Blumenau.

Em assembleia dia 26 de junho, servidores da FURB decidiram pela adesão voluntária, e não aprovaram a paralisação por completo das atividades de trabalho.

Lembrando que, para os servidores da FURB, assembleias, passeatas e manifestações estão excluídas do procedimento burocrático em relação a prazo e formulários para as atividades. Esta orientação é apenas para atividades de formação como palestras, cursos, exposições, e congêneres, das quais várias são realizadas fora da FURB. A greve geral do dia 30 é um segundo movimento após a mobilização do dia 28 de abril.





# LADO B

## A TERCEIRA ONDA

A leitura atenta do Editorial do *Expressão Universitária* 84 é perturbadora. Por um lado, mostra que a sustentabilidade do Instituto Municipal de Seguridade Social do Servidor de Blumenau (ISSBLU) baseia-se num complexo sistema de cálculo de custo e financiamento; por outro, que o atual modelo de capitalização do ISSBLU não tem sustentabilidade. Isto significa que a relação entre (1) Patrimônio Acumulado, (2) Contribuições a Serem Recebidas e (3) Benefícios a Serem Pagos é muito incerta. A situação exige, portanto, um acompanhamento contábil, financeiro e orçamentário, detalhado e constante. Mas, sobretudo, a situação exige coragem e inteligência. Afinal, se mantiver a atual tendência, o ISSBLU vai quebrar!

O ISSBLU é uma autarquia especial que foi criada pela Lei Complementar nº 308, de 22 de dezembro de 2000. Foi estabelecido pela Lei Complementar nº 01, de junho de 1990, e no caso da FURB, pela Resolução nº 34, de dezembro de 1994. Tem a função de administrar o Plano de Seguridade Social, disposto no art. 262 da Lei Complementar Municipal nº 660/2007. É constituído por todos os servidores efetivos que trabalham na administração direta, administração indireta da FURB, PROEB, FCB, FMD, FAEMA, SAMAE, SETERB e no Poder Legislativo Municipal. Mais precisamente, o ISSBLU é quem paga a aposentadoria dos servidores da FURB.

Os problemas do ISSBLU são bem conhecidos. Por um lado, o ISSBLU foi implantando sem o aporte inicial dos membros; por outro, aposentadorias conferidas sem muito critério. Isto significa que o ISSBLU nasce com um passivo: a obrigação de fornecimento de benefícios sem contribuição. Além destes fatores estruturantes, existem também questões conjunturais como, por exemplo, os constantes atrasos nos repasses, principalmente, por parte da Prefeitura Municipal de Blumenau. Até agora, as consequências negativas deste processo foram encobertas pelo crescimento do número de contribuintes e pelos rendimentos dos investimentos financeiros.

A preocupação surgiu agora, em função do novo cálculo atuarial elaborado pela Melo Atuarial Cálculos Ltda a pedido do ISSBLU. A avaliação atuarial compreende um estudo que relaciona as características biométricas, demográficas e econômicas de uma determinada população. Este estudo serve para determinar o valor de contribuição necessário para garantir o pagamento das aposentadorias, pensões e seguridade social no longo prazo. Apesar da atualização do cálculo ser prevista em lei pela primeira vez baseou-se num censo cadastral, funcional e financeiro de todos servidores públicos municipais ativos, inativos e pensionistas.

Os resultados da consultoria acenderam a luz vermelha. Considerando os dados de abril temos: 7.458 servidores ativos; 2.155 aposentados; 412 pensionistas. Ou seja, para cada um servidor inativo existem um pouco mais que três ativos. Ocorre, contudo, que entre 2013 e 2017 servidores ativos cresceram 12,32%, os inativos cresceram 34,65% e os pensionistas 19,42%. Por isto, neste período o fator de dependência caiu de 3,41 para 2,90 ativos para cada inativo. Além disso, a idade média dos servidores ativos é de 44,48, enquanto dos aposentados 65,30. Portanto, os dados não deixam dúvida: o número de beneficiários vai aumentar e de contribuintes diminuir.

Embora ao cálculo atuarial seja uma ciência inexata, e as relações entre contribuições e benefícios não sejam lineares, tudo indica que o ISSBLU é uma bomba de efeito retardado. Foi armada pelo costume de fugir para frente: transferir os problemas para o

futuro. Mas o futuro chegou... E se a sustentabilidade do ISSBLU não for satisfatoriamente equacionada abrirá dois conflitos: a) contribuinte municipal contra servidor: a maior parte das receitas municipais será drenada para cobertura do passivo previdenciário; b) servidor ativo contra servidor inativo: os servidores ativos estarão contribuindo sem terem garantia que terão acesso aos benefícios no futuro.

Portanto, a sustentabilidade do ISSBLU dá materialidade a questões como as reformas trabalhista e previdenciária. Desde a Constituição de 1988, o regime de previdência dos funcionários públicos passou duas ondas de reformas principais: a) Primeira onda: 1998 no segundo Governo FHC pela Emenda Constitucional 20/98; b) Segunda onda: 2003 no primeiro Governo Lula pela Emenda Constitucional 41/03. Agora arma-se a Terceira onda: 2017 no Governo Temer. A terceira onda de reformas pode afetar profundamente o ISSBLU. Afinal, está sendo efetuada no contexto de profunda crise econômica, por um governo sem legitimidade e sem negociação.

Embora a Terceira Onda não trate diretamente do ISSBLU irá balizar o ajuste no nível estadual e municipal. A tendência é que a responsabilidade seja transferida para os níveis regional e local. Isto significa que caberá ao poder legislativo municipal examinar e propor alternativas. As decisões do poder legislativo municipal vêm acompanhando os interesses do poder executivo. Ou seja, no caso os interesses políticos do Prefeito Napoleão Bernardes que subscreve a agenda reformista do PSDB. Isto significa que a reforma da previdência será debatida localmente. Por isto, é importante os servidores se anteciparem e se prepararem para resistirem ao ajuste.

A sustentabilidade do ISSBLU interessa para servidores e estudantes porque condiciona o desenvolvimento institucional de médio e longo prazo da FURB. Porém, a equação não é simples de ser resolvida. Se o ISSBLU quebrar a FURB pode ser vendida para cobrir o déficit. Assim, para sustentar o ISSBLU será necessário aumentar a contribuição de servidores e patronal. Porém, ao aumentar a contribuição diminui a capacidade de investimento. E, neste sentido, a renovação dos equipamentos e a atração de mais alunos. Trata-se de uma armadilha: no longo prazo o funcionamento da FURB servirá para manutenção de aposentados.

Foi pelo ISSBLU que a FURB se tornou uma universidade pública, porém agora o ISSBLU ameaça a condição pública da FURB. Mas, como todos sabem dois erros não fazem um acerto. Assim, se, por um lado, a criação do ISSBLU atendeu principalmente a interesses corporativos; por outro, a viabilidade não pode ser reduzida somente à perspectiva contábil. Neste sentido, a viabilidade do ISSBLU passa pela consideração de duas questões delicadas: a) como reparar as injustiças do passado relativas ao aporte inicial para criação do fundo previdenciário; b) como não cometer injustiças no futuro relativas a garantias do pagamento dos benefícios.

O fundamental na gestão do ISSBLU é a transparência. Não pode se reduzir à reprodução de interesses corporativos. Isto envolve tornar claro os interesses e os lados obscuros que marcaram a administração inicial das antigas contas previdenciárias. Neste sentido, o SINSEPES tem um papel muito importante neste processo. Portanto, neste contexto o SINSEPES tem dois deveres: a) Fiscalizar: acompanhar sistematicamente o recolhimento e aplicação dos recursos, para evitar o favorecimento e fraudes; b) Informar: publicar mensalmente os demonstrativos no *Expressão Universitária* para o conhecimento e acompanhamento dos servidores.

O cenário de quase 1 por 1 (razão de dependência de 1,49) previsto para 2027 é terrificante. Indica que o equilíbrio atuarial de longo prazo do ISSBLU não foi adequadamente dimensionado no processo de implantação. E atualmente com uma contribuição de 11% (servidores), 15,78% (sobre a folha salarial) e 8% (alíquota para redução do déficit atuarial) a arrecadação não tem muita margem para expansão. Por isto, o impacto da Terceira Onda será muito mais forte do que a primeira e a segunda... Por um lado, pode implicar redução de benefícios; por outro, aumento de contribuição. Novamente, quem pagará o passivo será o trabalhador.

“

**Foi pelo ISSBLU que a FURB se tornou uma universidade pública, porém agora o ISSBLU ameaça a condição pública da FURB. Mas, como todos sabem, dois erros não fazem um acerto. Assim, se, por um lado, a criação do ISSBLU atendeu principalmente a interesses corporativos; por outro, a viabilidade não pode ser reduzida somente à perspectiva contábil.**